



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense

Gabriella de Souza Miranda

A ampliação do ensino superior e o perfil de seus estudantes: o caso da Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo

Duque de Caxias
2015

Gabriella de Souza Miranda

**A ampliação do ensino superior e o perfil de seus estudantes: o caso da
Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo.**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Área de concentração: Educação, Comunicação e Cultura.

Orientadora: Prof^a. Dra. Mônica Dias Peregrino Ferreira

Duque de Caxias
2015

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/C

M672 Miranda, Gabriella de Souza.
A ampliação do ensino superior e o perfil de seus estudantes: o caso da Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo / Gabriella de Souza Miranda - 2014.
89 f.

Orientadora: Mônica Dias Peregrino Ferreira.
Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

1. Estudantes universitários – Teses. 2. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Formação de Professores - Teses. I. Ferreira, Monica Dias. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação da Baixada Fluminense. III. Título.

CDU 378

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Gabriella de Souza Miranda

**A ampliação do ensino superior e o perfil de seus estudantes: o caso da
Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo.**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Área de concentração: Educação, Comunicação e Cultura.

Aprovada em 15 de Abril de 2015.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dra. Mônica Dias Peregrino Ferreira (Orientadora)
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof Dr. Mário Sérgio Ignácio Brum
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense - UERJ

Prof. Dr. Luiz Carlos Gil Esteves
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Duque de Caxias

2015

DEDICATÓRIA

Esta dissertação é dedicada a Deus, minha família, amigos e colegas de trabalho, pelo apoio, força, incentivo, companheirismo e amizade. Sem eles, nada disso seria possível.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por me conceder a vida, me mostrar o caminho nos momentos difíceis e por me proporcionar pais maravilhosos.

Agradeço ao meu marido, Jardel Thalsofer, pelo apoio, carinho, paciência, incentivo, companheirismo e por todo o amor que demonstra ter por mim.

Agradeço aos meus pais, Ana Christina e Claudécir, e ao meu irmão Rafael, pelo amor, carinho, ternura, paciência, educação, críticas e por terem me ensinado que a vida não é fácil, mas é justa.

Agradeço a todos os amigos e colegas que fiz dentro e fora da minha jornada acadêmica, principalmente, aos meus amigos mais próximos, Jardel Augusto e Evellyn Brandão, de quem, em momentos de elevado estresse, tive o apoio, colaboração e amizade.

Agradeço a todos os professores do Programa de Pós Graduação, em especial a minha orientadora, Mônica Peregrino, pelo apoio e colaboração.

Tudo o que um sonho precisa para ser realizado é alguém que acredite que ele possa ser realizado.

Roberto Shinyashiki

RESUMO

MIRANDA, Gabriella. S. **A ampliação do ensino superior e o perfil de seus estudantes:** o caso da Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo. 89f. 2015. Dissertação (Mestrado e Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas) – Faculdade de Educação Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2015.

A proposta de compreensão do jovem a partir do entendimento da dinâmica das mudanças no mundo atual enfatiza que a construção de sua identidade é uma construção social, marcada por muitas significações que devem ser entendidas dentro do contexto que lhe confere sentido. Sendo, a construção social, formada por diversas instâncias que compõem o universo social, a Universidade é uma destas instâncias e não pode se furtar ao seu papel enquanto formadora, devendo estar atenta à questão de que representa um “espaço” adequado para a reflexão e o início de mudança na vida dos jovens que dela fazem parte. O objetivo geral do presente trabalho foi fazer um perfil dos jovens estudantes ingressantes na Universidade, que frequentam uma Faculdade localizada em um município periférico, no caso, São Gonçalo, sendo moradores do município ou não, e que fazem um curso em comum, o de Licenciatura, sendo este um curso que não possui grande prestígio no mercado de trabalho. Dessa forma, visou compreender o fenômeno da expansão do ensino superior no país, na medida em que interrogo a população que nele ingressa. E buscarei fazê-lo a partir do estudo do caso da Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo, da UERJ. A partir da técnica de coleta indireta de informações junto ao questionário socioeconômico cedido pelo Departamento de Seleção Acadêmica da UERJ (apresentado no anexo), fizemos a análise do perfil dos estudantes ingressantes nos seis cursos (Pedagogia, História, Matemática, Letras, Geografia e Biologia), no ano de 2013, da Faculdade de Formação de Professores. Chegamos à conclusão de que alguns cursos apresentam similaridades, como os de Pedagogia e História, sendo verificado que apresentaram, em comparação aos outros cursos, maior número de estudantes ingressantes com idade avançada; são oriundos de famílias com menos recursos financeiros e que, ao entrarem na universidade, possuem uma melhor clareza sobre o mercado de trabalho, pois, em sua maioria, observamos o foco de melhores salários e emprego. Pode-se concluir, também, que existem grandes diferenças entre os estudantes dos cursos de Biologia e Pedagogia, relacionadas à idade, família e situação socioeconômica.

Palavras-chave: Juventude. Universidade. São Gonçalo. Licenciatura.

ABSTRACT

MIRANDA, Gabriella. S. **The expansion of higher education and the profile of their students:** the case study of the College of Teachers Education of São Gonçalo. 89f. 2015. Dissertação (Mestrado e Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas) – Faculdade de Educação Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2015.

The proposed comprehension of the young from the understanding of the dynamics of change in today's world emphasizes that the construction of their identity is a social construction, with many significations that must be understood within a context that gives meaning to itself. As the social construction is formed by various instances that compound the social universe, the University is one of these instances and cannot escape its role as a training institution; it must be attentive to the question that is a suitable "space" for reflection and for the beginning of change in the lives of young people who are part of it. The general objective of this study was to make a profile of the young students entering the University, attending a college located in an outlying municipality, in this case, São Gonçalo, whether residents of the municipality or not, taking a common course, the Teacher's Licentiate degree, which does not have high prestige in the labor market. Thus, I aim to understand the higher education expansion phenomenon in the country, as I question the population that enters it. And I seek to do so from the case study of the College of Teachers Education of São Gonçalo, UERJ. By using the technique of indirect collection of information from the socioeconomic questionnaire given by the UERJ Department of Academic Selection (presented in Annex 1), we carried out the profile analysis of entering students in six courses (Education, History, Mathematics, Language, Geography and Biology), in 2013, at the College of Teachers Education. We concluded that some courses have similarities, as Pedagogy and History, which, compared to other courses, have higher number of incoming students with advanced age; they come from families with less financial resources and when go to the university have better clarity on the labor market because, as we can see, most focuses on better wages and employment. We can also conclude that there are major differences among students of Biology and teaching courses related to age, family and socioeconomic status.

Keywords: Youth. University. São Gonçalo. Teacher's Licentiate degree.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa 1	Regiões Administrativas de São Gonçalo	28
Figura 1	Centro de Treinamento de Professores do Estado do Rio de Janeiro	33
Figura 2	Faculdade de Formação de Professores da UERJ	39
Gráfico 3.1	Percentual referente à idade dos jovens quando ingressaram na Faculdade	55
Gráfico 3.2	Percentual referente à idade das mulheres no início do curso	56
Gráfico 3.3	Percentual referente à idade dos homens no início do curso	57
Gráfico 3.4	Percentual referente ao sexo dos estudantes	58
Gráfico 3.5	Percentual referente ao município de moradia	59
Gráfico 3.6	Percentual do turno em que os alunos cursaram o Ensino Médio .	61
Gráfico 3.7	Percentual da influência da escolha do curso, considerando a possibilidade de conseguir emprego no futuro	62
Gráfico 3.8	Percentual da influência da escolha do curso, considerando a possibilidade de conseguir melhores salários no futuro	63
Gráfico 3.9	Percentual sobre a moradia dos alunos.....	64
Gráfico 3.10	Percentual da idade com que os alunos começaram a trabalhar ..	65
Gráfico 3.11	Percentual do principal responsável pelo sustento da família	66
Gráfico 3.12	Percentual da renda mensal bruta da família	67
Gráfico 3.13	Percentual de escolaridade do pai	68
Gráfico 3.14	Percentual de escolaridade da mãe	69
Gráfico 3.15	Percentual referente à cor	70
Gráfico 3.16	Percentual de frequência a algum curso de língua estrangeira	71

LISTA DE TABELAS

Tabela 3.1	Distribuição percentual referente à idade dos jovens quando ingressaram na Faculdade	55
Tabela 3.2	Distribuição percentual referente à idade das mulheres no início do curso	56
Tabela 3.3	Distribuição percentual referente à idade dos homens no início do curso	57
Tabela 3.4	Distribuição percentual referente ao sexo dos estudantes	58
Tabela 3.5	Distribuição percentual referente ao município de moradia	60
Tabela 3.6	Distribuição percentual dos estudantes em relação ao turno em que os alunos cursaram o Ensino Médio	61
Tabela 3.7	Distribuição percentual da influência da escolha do curso, considerando a possibilidade de conseguir emprego no futuro	62
Tabela 3.8	Distribuição percentual da influência da escolha do curso, considerando a possibilidade de conseguir melhores salários no futuro	63
Tabela 3.9	Distribuição percentual da moradia dos alunos	64
Tabela 3.10	Distribuição percentual da idade com que os alunos começaram a trabalhar	66
Tabela 3.11	Distribuição percentual do principal responsável pelo sustento da família	67
Tabela 3.12	Distribuição percentual da renda mensal bruta da família	68
Tabela 3.13	Distribuição percentual de escolaridade do pai	69
Tabela 3.14	Distribuição percentual de escolaridade da mãe	70
Tabela 3.15	Distribuição percentual referente à cor	71
Tabela 3.16	Distribuição percentual de frequência a algum curso de língua estrangeira	72

LISTA DE ABREVIATURAS

UERJ	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
FFP	Faculdade de Formação de Professores
DSEA	Departamento de Seleção Acadêmica Blindagem
CETRERJ	Centro de Treinamento de Professores do Estado do Rio de Janeiro
CDRH	Fundação Centro de Desenvolvimento de Recursos Humanos da Educação e Cultura
FIDERJ	Fundação Instituto de Desenvolvimento Econômico Social do Rio de Janeiro
FAPERJ	Fundação de Amparo à Pesquisa
UDF	Universidade do Distrito Federal

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 Jovens estudantes universitários	16
1.1 A noção de transição para a vida adulta	18
1.2 A noção de moratória social	19
1.3 O jovem, a universidade e suas perspectivas	22
1.4 Breve caracterização de São Gonçalo	26
1.5 Fundação da Faculdade de Formação de Professores (FFP)	32
1.6 Os cursos de licenciatura e sua importância	41
1.7 Licenciatura curta	45
2 METODOLOGIA	48
3 RESULTADOS	54
4 DISCUSSÃO	73
CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
REFERÊNCIAS	78
ANEXO - Distribuição percentual de respostas dos alunos efetivamente matriculados. Questionário de informações socioculturais, obtidas junto ao Departamento de Seleção Acadêmica (DSEA – UERJ), referente ao vestibular 2013 da FFP	84

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como principal objetivo fazer um perfil dos jovens estudantes ingressantes no ano de 2013, em uma Faculdade Pública de Formação de Professores, localizada em uma região periférica, no caso, São Gonçalo, sendo estes estudantes moradores do município ou não, e que fazem um curso em comum, o de Licenciatura, sendo este um curso que não possui grande prestígio no mercado de trabalho. Dessa forma, visio compreender o fenômeno da expansão do ensino superior no país, na medida em que interrogo a população que nele ingressa. E buscarei fazê-lo a partir do estudo do caso da Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo, da UERJ.

O interesse por esse tema surgiu a partir da minha participação como bolsista de iniciação científica, por dois anos, de um projeto de pesquisa intitulado “Percurso, trajetórias, modos de crescer: escola e trabalho na transição para a vida adulta”, que se propõe estudar as formas de transição para a vida adulta na cidade de São Gonçalo, buscando captar as experiências de escolarização e de iniciação ao trabalho que marcam as vidas dos jovens que, com ensino médio completo, buscavam qualificação para inserção no mundo do trabalho através do programa Projovem Trabalhador; compreendendo também as possíveis regularidades que permitam a configuração de possíveis modalidades de transição, assim como as singularidades que marcam suas existências, aprofundando o nosso conhecimento e entendimento do que é ser jovem em São Gonçalo.

Como consequência, tem-se a ampliação da nossa compreensão acerca da importância relativa da escola na vida de jovens pobres moradores de regiões periféricas, assim como as nuances aí escondidas, construindo, ao fim, uma espécie de “mapeamento” preliminar das maneiras de “ser jovem” para determinada porção da juventude de São Gonçalo.

Neste projeto, me aproximei mais da temática da juventude, relacionando-a com a escola e o trabalho. Portanto, durante a minha participação, surgiu o interesse de relacionar a juventude com a Universidade, buscando compreender a importância desta instituição para os jovens que frequentam uma faculdade em uma região

periférica como São Gonçalo e procurando entender como e por que estes jovens chegam até ela.

Pensamos que a universidade é uma das etapas mais difíceis da vida dos estudantes, já que, nesta fase, eles precisam lidar com diversas questões, como os riscos da droga, violência, falta de trabalho, dificuldade de acesso a um sistema educacional de qualidade, podendo haver, ainda, a dependência financeira de outras pessoas (pais, cônjuge, entre outros). Sendo assim, pensamos que os estudantes das camadas mais altas da sociedade podem se realizar sem a preocupação com a sobrevivência, enquanto os estudantes de origem social inferior procuram por uma estabilidade. Acreditamos também que, quanto maiores são a renda e o nível de escolaridade dos pais, maiores são as expectativas e a probabilidade de cursarem uma Universidade.

1 JOVENS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

O estudo sobre juventude vem adquirindo um grande espaço nas últimas décadas, tendo um lugar de grande relevância no contexto das grandes inquietações mundiais, como frisa Carrano (2011). A juventude é um critério variável que muda de país para país, onde cada um apresenta diferentes maneiras de pensar os jovens e a juventude. Em relação ao Brasil, pode ser vivida de múltiplas formas, que se apresentam a partir de graus variados de vulnerabilidade (ou de potencialidade) de acordo com a posição social que se ocupa. Por isso, “experimentar a juventude, essa espécie de aprendizado da condição adulta, pode significar, neste país, a experimentação de vivências incomunicáveis por causa das distâncias sociais que estão na origem das mesmas” (PEREGRINO, 2007).

O conceito de juventude está relacionado às questões biológicas e sociais, sendo um período de grandes mudanças na vida do jovem. É quando ocorrem modificações em seu corpo, além de ser o período em que ele precisa fazer escolhas acadêmicas, profissionais, e se depara com questões relacionadas à classe social, além da inserção social, econômica e política a partir dos recursos disponíveis a esse jovem.

Marialice Foracchi (1972) denominou o período entre a saída da infância e a preparação para a vida adulta como juventude, considerando a adolescência o seu primeiro momento. Como destaca Peregrino (2007), neste período, acontecem vários conflitos e crises, sendo esta uma fase liminar da vida social; liminaridade estabelecida a partir da situação de transição configurada pela emancipação do jovem da socialização primária e experimentação de outras tantas formas de socialização, mais autônomas, dentre elas a escola secundária e o trabalho, não existindo uma única juventude.

Em relação à idade¹ em que se inicia a juventude, Bourdieu (1983), que faz parte dos estudos clássicos que emergem no pós-guerra, retrata que as divisões entre as idades são arbitrárias, manipuláveis e manipuladas socialmente. Bourdieu

¹ É importante ressaltar que não há consenso em torno dos limites de idade que definem a juventude. Então, decidimos utilizar o mesmo recorte etário com que trabalham a Secretaria Nacional de Juventude e o Conselho Nacional de Juventude: de 15 a 29 anos. Este recorte, porém, é subdividido em grupos: o grupo jovem-adolescente vai dos 15 aos 17 anos; o grupo jovem-jovem compreende as idades de 18 a 24 anos; e o grupo jovem-adulto, que varia de 25 a 29 anos.

compreende a categoria juventude sempre dentro de um critério etário e que, segundo ele, não faz sentido isoladamente. Para ele, pensar a ideia de juventude é pensar sobre condições de gênero, raça, classe social, entre outros pontos; contextualizá-la historicamente como integrante de uma geração específica que se relaciona com outras gerações, existindo, assim, várias juventudes.

Como ressalta Bourdieu, somos sempre o jovem ou o velho de alguém, porém como destaca Carrano (2011, p.10), “é preciso considerar que ‘juventude’ é noção produtora de sentidos e contribui para o estabelecimento de representações sociais”.

Fernandez (2012) aponta que os primeiros estudos sobre a juventude se iniciaram a fins do século XVIII e início do século XIX; no entanto, Carles Feixa (1999) explicita que não se pode identificar uma data precisa para o nascimento da juventude e nem confundi-lo com o surgimento das teorias sobre esse período da vida, mas ressalta que foi na segunda metade do século XX que houve uma irrupção da juventude como ator protagonista no cenário público, sendo sua origem um produto de uma série de transformações nas instituições como a família, a escola, o exército e o trabalho.

Assim, devemos considerar o contexto sócio-histórico no qual os jovens criam e recriam modos de vida, ou seja, a afirmação da perspectiva que conceitua a juventude nos marcos de uma dada condição juvenil. Para Sposito e Carrano (2003), há diferença entre condição juvenil e situação juvenil, sendo, a condição juvenil, o modo como é significado este ciclo de vida, e situação juvenil, os percursos desta condição juvenil em seus diversos recortes.

Reguillo (2003) diz que a juventude, ainda que não considerada central no fazer público, é uma categoria social que sintetiza, no presente, o passado e o devir. Ela representa o desejo, a emotividade, a experiência de um tempo circular, o privilégio dos significantes sobre os significados, as práticas arraigadas no âmbito local que se alimentam incessantemente de elementos da cultura globalizada.

De um modo geral, podemos dizer que há um consenso, entre os autores que tratam do tema, de que a juventude é uma construção social e cultural. Portanto, pode-se afirmar que a juventude é uma categoria social que pode ser reconstruída, o que faz dela uma “realidade cultural carregada de uma imensidão de valores e de usos simbólicos”, e não apenas “um fato social simples, analisável de imediato” (PIMENTA, 2001).

1.1 A noção de transição para a vida adulta

Em relação à transição para a vida adulta, entendemos o termo “transição” como movimento, passagem que delimita a vida. Sendo assim, recorreremos a Casal *et al* (1988) quando ele diz que o tempo de transição da puberdade para a vida adulta pode definir-se como um processo, mas jamais como um processo linear, onde a realidade juvenil é determinada por processos de transições desiguais, dependendo dos contextos estruturais, culturais e históricos em que os jovens estão inseridos. Em um mesmo país, há diversos processos de transição para a vida adulta; os momentos e fases de transição e seus condicionantes sociais são os fatores que determinam as “diversas maneiras de ser jovem”.

Portanto, o processo de transição está determinado socialmente; estruturas econômicas e sociais diferentes implicam em processos e mecanismos de transição distintos.

El término “Transición” incorpora al discurso sobre juventud los conceptos de proceso, transformación, temporalidad e historicidad. Con esto se quiere poner de relieve, en primer lugar, que la realidad juvenil viene determinada por procesos de transición desiguales: de ahí que comparar realidades juveniles de países muy distintos sea poco fructífero. En segundo lugar, se quiere poner de relieve que dentro de un mismo país hay diversos procesos de transición; no todos se someten a la transición unidireccionalmente. En tercer lugar, se quiere significar que el elemento biográfico cumple un papel clave; durante el tránsito existen momentos y fases diversas que implican vivencias sociales muy distintas (CASAL *et al*, 1988, p.98).

Maribel García e colaboradores (2006)² descrevem as diferentes modalidades de transição para a vida adulta, ressaltando que devemos estudar, não ignorar, os processos diferenciados e diferenciadores no período de transição para o mundo dos adultos, e que devemos deixar de pensar a juventude como uma categoria homogênea. A autora ainda afirma ser preciso abandonar perspectivas de caráter temporal e descontextualizadas, pois durante a transição existem momentos e fases diversas que implicam vivências sociais muito distintas.

Melissa Pimenta (2007) afirma que a transição é considerada um sistema complexo que articula uma pluralidade de trajetórias diferentes, intimamente interligadas e que se influenciam mutuamente, sendo compreendida não apenas

² Artigo “Una perspectiva de la transición de la escuela al trabajo”, publicado na revista Trayectorias, revista de ciencias sociales de la Universidad Autónoma de Nuevo León México (2006).

como a passagem da escola para o trabalho, mas como um processo relacional entre trajetórias escolares e laborais, afetivas e familiares, as quais conformam o processo de fazer-se adulto. E deve-se considerar, também, o pensamento em comum de alguns pesquisadores que apontam, como Aline Fernandez (2012, p.33), que “a importância do estudo da transição, reside principalmente no fato de ser nesse momento particular da biografia dos sujeitos que se articulam as principais transformações e determinantes da posição social futura”.

O processo de transição é demarcado por etapas sucessivas que garantem a incorporação dos elementos socioculturais que caracterizam os papéis típicos do mundo adulto: a conclusão dos estudos, a entrada no mercado de trabalho, o casamento juntamente com o abandono do lar, entre outros. Entretanto, as distintas origens sociais e econômicas dos sujeitos interferem diretamente neste processo, configurando diferentes modalidades de transição.

Aline Fernandez (2012) destaca que a transição pode ocorrer de múltiplas formas em decorrência do sexo, da classe social de origem, da família, da etnia, da religião, do grupo etário ao qual o indivíduo pertence e, além de tudo, do território pertencente. Portanto, essa perda de linearidade na trajetória do jovem é uma das características da juventude na sociedade contemporânea, onde este jovem pode apresentar trajetórias reversíveis ou do tipo “yo – yo”, não obtendo uma linearidade na sua trajetória (PAIS, 2003).

1.2 A noção de moratória social

Margulis & Urresti (1996) afirmam que não há apenas uma juventude, mas juventudes, pois a juventude é uma condição que se articula social e culturalmente em função da idade, como crédito energético e moratória vital, distância frente à morte; com a geração a que se pertence, memória social incorporada, experiência de vida diferencial; com a classe social de origem, como moratória social e período de retardo; com o gênero, segundo as urgências temporais que pesam sobre o homem e a mulher; e com a situação na família, que é o marco institucional em que todas as outras variáveis se articulam.

Hay distintas maneras de ser joven en el marco de la intensa heterogeneidad que se observa en el plano económico, social y cultural. No existe una única juventud: en la ciudad moderna las juventudes son múltiples, variando en relación a características de clase, el lugar donde viven y la generación a que pertenecen y, además, la diversidad, el pluralismo, el estallido cultural de los últimos años se manifiestan privilegiadamente entre los jóvenes que ofrecen un panorama sumamente variado y móvil que abarca sus comportamientos, referencias identitarias, lenguajes y formas de sociabilidad. Juventud es un significativo complejo que contiene en su intimidad las múltiples modalidades que llevan a procesar socialmente la condición de edad, tomando en cuenta la diferenciación social, la inserción en la familia y en otras instituciones, el género, el barrio o la micro cultura grupal (MARGULIS; URRESTI, 1998, p. 3- 4).

Os dois autores reforçam a necessidade de atentar para o modo como a condição de juventude manifesta-se de forma desigual conforme outros fatores, como classe social e gênero; não se constitui, portanto, como um conceito unívoco. E ressaltam que, assim como não se deve considerar apenas os critérios biológicos de idade para definir juventude, não se pode também levar em conta apenas os critérios sociais.

Os jovens são socializados em meio a outras gerações, sendo treinados para a vida social e segregados em escolas com o objetivo de aprender as normas e regras da vida em sociedade. A partir de um tempo, eles começaram a se estruturar como categoria social específica. Mantidos fora do sistema produtivo, os jovens passam a viver uma moratória, ou seja, ficam suspensos da vida social. Segundo Peregrino (2010):

A oferta de moratória está articulada a um número significativo de instituições sociais responsáveis por sua realização. Escola, Universidade, Igreja, família, mas também partidos, associações classistas, equipamentos e organizações culturais. Atualmente, novos elementos vêm se agregando às instituições mais tradicionais nos processos de socialização da juventude, e que vêm permitindo uma experimentação mais autônoma da condição juvenil, dentre estes os grupos de pares e as mídias eletrônicas, dentre outros (PEREGRINO, 2010, p. 5).

Embora a extensão e as características desta moratória variem bastante segundo as diferenças de classe social, gênero e geração, trata-se de uma noção útil para apreender a especificidade da juventude. A noção de moratória permite não apenas diferenciarmos, dentro dos grupos e classes, a distribuição desigual do uso da condição juvenil como uma espécie de capital simbólico, como também nos dá base para compreendermos que a juventude não é só uma condição etária,

biológica, mas que ela se realiza socialmente como um símbolo cuja distribuição é diferente de acordo com a posição social que se ocupa (FERNANDEZ, 2012).

A ideia de moratória social³ é entendida como um período “dado” pela sociedade para que seus jovens experimentem a condição adulta, permitindo-lhes, então, configurar trajetórias de inserção social com maior autonomia; permitindo ao jovem vivenciar a sua juventude sem assumir os mesmos compromissos que os adultos. Este tempo seria socialmente aceito pela sociedade. Mas, como relatamos anteriormente, nem todos os jovens usufruíam dessa moratória, que variava de acordo com a posição social ocupada por este jovem. Como destaca Fernandez:

... essa moratória não se estende a todos os jovens, mas a grupos crescentes que pertencem comumente a setores sociais médios e altos, uma vez que os menos favorecidos não têm (ou não lhes são oferecidas pelo Estado) condições econômicas para ‘sustentarem’ esses tempos livres, ou seja, aparecerão, nessa moratória as diferenças sociais e culturais, de classe e/ou de gênero, no modo de ser jovem (FERNANDEZ, 2012, p. 18).

E como defendem Margulis e Urresti (1996), há outra moratória que completa a social, a moratória vital⁴, que é um capital energético, um valor de uso. É um aspecto energético do corpo, próprio da juventude, sendo este um período da vida em que os jovens possuem um excedente temporal, um crédito (de tempo e de vida). Quando estes possuem uma sensação de imortalidade, sendo a energia do corpo que os faz sentir longe da morte, não existindo limites e nem comprometimento com o futuro. É sobre esta que se desenvolve o valor de troca, “isto é, a linguagem social que compatibiliza esta diferença energética num signo (capital simbólico) que permite sua intercambialidade, em uma abstração, e que permite, por sua vez, uma particular distribuição social, por classe, desse capital, em que jogam os interesses do ‘mercado’” (MARGULIS; URRESTI, 1996, p.23).

O significado disso, é que não apenas as diferentes expressões juvenis serão objeto de processos diversos de legitimação e de hierarquização que as posicionarão em escala, de acordo com os espaços sociais de onde emanam, como também, a possibilidade mesma de expressão por parte dos jovens estará condicionada à posição social que ocupam. Estamos falando,

³ O termo moratória social foi cunhado por Erik Erikson no fim da década de 1950 e atualizado décadas depois por Mario Margulis e Marcelo Urresti.

⁴ Antes de Margulis e Urresti, Manheim faz referência a este potencial, utilizando a noção de reserva vital. Manheim, Karl, *O problema da juventude na sociedade moderna (in)* Britto, Sulamita de, *Sociologia da juventude I*, RJ, Zahar, 1968.

aqui, de jovens com desiguais direitos de fazer uso e expressão de sua condição juvenil. Jovens sem direito à juventude (PEREGRINO, 2004, p.7).

Por isso, tornou-se usual empregar a expressão *juventudes* para enfatizar que, a despeito de constituírem um grupo etário que partilha várias experiências comuns, há uma pluralidade de situações que confere diversidade às demandas e necessidades dos jovens. Sendo importante ressaltar que não há consenso em torno dos limites de idade que definem a juventude, pois esta é uma categoria em permanente construção social e histórica, variando no tempo, de uma cultura para a outra, e até mesmo no interior de uma mesma sociedade. Mas que, apesar da sua pluralidade, ainda podemos entendê-la enquanto categoria que apresenta aspectos em comum, por isso a importância de estudá-la.

A definição da juventude por idade encontra elementos objetivos no aspecto da maturidade biológica e sua delimitação se reveste de importância para as políticas públicas, notadamente, quando se pensa em contagem de população, definição de políticas e recursos orçamentários. Compreender os jovens apenas pelo fator idade, contudo, seria simplificar uma realidade complexa que envolve elementos relacionados ao simbólico, ao cultural e aos condicionantes econômicos e sociais que estruturam as sociedades (CARRANO, 2011, p.7).

1.3O jovem, a Universidade e suas perspectivas

Em determinada época de sua vida, especificamente, na sua juventude, o jovem (indivíduo) fica imerso em questões cruciais como: quem sou eu, o que eu quero, do que sou capaz? Nessa fase, eles se deparam com as ansiedades e preocupações em relação a como será o seu futuro, tanto pessoal como profissional. Segundo Melissa Pimenta (2001), nesse período, o jovem estudante encontra-se exatamente *em trânsito* para uma nova vida, em que deverá assumir uma série de responsabilidades em relação à sua profissão, à sua própria pessoa e, eventualmente, em relação a outras pessoas que podem vir a ser dependentes dele.

Desta forma, percebemos que não há somente uma juventude, já que temos aquela em que o jovem se prepara para a vida adulta por meio da educação, outra que, como parte da classe trabalhadora, sequer era vista como jovem, entre outras. Portanto, a duração e a qualidade desta etapa do ciclo da vida são favorecidas ou retardadas pelas características socioeconômicas dos jovens. Isto significa que os

jovens, provenientes de espaços sociais diversos terão formas diferentes de legitimar sua condição de jovem. E, em relação a quando alguém deixa de ser jovem, Carrano destaca:

A combinação de distintas maneiras de enxergar a questão juvenil colabora para se tentar responder à pergunta sobre quando alguém deixa de ser jovem e atinge a vida adulta. Essa resposta, que não pode ser dada definitivamente, depende tanto dos indicadores relacionados a transformações vividas pelo corpo biológico quanto àquilo que se refere aos dados sociais objetivos e às representações que cada sociedade empresta ao conceito de jovem e juventude. Em outras palavras, trata-se da idade objetiva, medida em anos de vida, em combinação com as representações sociais que são feitas sobre as idades (CARRANO, 2011, p.9).

Pode-se visualizar que, cada vez mais, os jovens vêm tentando se especializar, entrando mais tarde no mercado de trabalho, havendo um prolongamento na fase estudantil, em que, para muitos, a maior preocupação é entrar na Universidade, se manter e concluir os estudos. E, cada vez mais, temos a sensação de que os adultos estão com dificuldade de se tornarem adultos, prolongando, portanto, a juventude. Como ressalva Aquino (2009, p.27), “o bloqueio à emancipação econômica dos jovens, além de frustrar suas expectativas de mobilidade social, posterga a ruptura com a identidade fundada no registro filho/a, adiando a conclusão da passagem para a vida adulta e ensejando uma tendência de *prolongamento da juventude*”.

É importante considerar, entretanto, que o prolongamento da juventude não está ligado somente à dificuldade de absorção do grande número de jovens no mercado de trabalho. Ocorre que nos dias de hoje as dificuldades encontradas pelos jovens, sobretudo os de meios abastados, fazem com que estes tenham pressa de sair do período de moratória. Hoje, à incerteza de entrada na vida profissional alia-se o conforto e a tolerância do meio familiar, a corrida para a obtenção do diploma e o prazer da sociabilidade juvenil, o que contribui para o retardamento na incorporação de papéis adultos (AQUINO, 2009).

Segundo Bourdieu (1998), todos os jovens são postos diante de expectativas de ascensão social, todavia, estas estão realmente acessíveis apenas àqueles que são detentores dos instrumentos necessários à sua apropriação. Ou seja, aqueles que têm posse tanto de capital econômico como de capital cultural, uma vez que há um grande abismo entre as expectativas dos jovens e as reais condições objetivas de alcançá-la.

[...] a concordância das expectativas com as probabilidades, das antecipações com as realizações, está no princípio dessa espécie de 'realismo', enquanto sentido da realidade e senso das realidades que faz com que, para além dos sonhos e das revoltas, cada um tenda a viver 'de acordo com a sua condição', segundo a máxima tomista, e tornar-se inconscientemente cúmplice dos processos que tendem a realizar o provável (BOURDIEU, 1998, p. 90-91).

Segundo a perspectiva de Bourdieu, Boudon (1981) afirmava que as chances que um filho de operário tem de entrar na Universidade são muito fracas, segundo as estatísticas. Segundo ele, o próprio jovem percebe isso quando observa a realidade à sua volta, quando constata que, dentre seus colegas um pouco mais velhos e pertencentes ao mesmo meio, nenhum ou quase nenhum atingiu o nível universitário. Então, toma como dado verdadeiro o fato de que, quando se pertence a um meio desfavorecido, não se pode alcançar grande ascensão social.

Contudo, atualmente, a desigualdade ganha contornos bastante peculiares. Se em um passado recente era pouco provável que um filho de operário entrasse para a Universidade, atualmente este fato tem sido alterado. Mas a entrada deste continua sendo difícil em determinadas carreiras universitárias, provavelmente tanto quanto há alguns anos. Portanto, o que vem acontecendo é uma mudança nos padrões de desigualdade, modificando imensamente seus mecanismos de reprodução, através das novas oportunidades que foram criadas por meio da ampliação da escolarização.

A proposta de compreensão do jovem a partir do entendimento da dinâmica das mudanças no mundo atual enfatiza que a construção de sua identidade é uma construção social, marcada por muitas significações que devem ser entendidas dentro do contexto que lhe confere sentido. Sendo a construção social formada por diversas instâncias que compõem o universo social, a Universidade é uma destas instâncias e não pode se furtar ao seu papel enquanto formadora, devendo estar atenta à questão de que representa um "espaço" adequado para a reflexão e o início de mudança na vida dos jovens que dela fazem parte.

Como ressalta Porchmann (2004), os jovens estão tendo um tempo maior da sua vida comprometido com a aprendizagem teórica e prática, capaz de potencializar as oportunidades do conhecimento. Com isso, vemos que a entrada para a Universidade é uma forma de esses jovens fazerem uma transição, transição esta que o prepara para a vida adulta. Wachowicz (1998) define a Universidade

como uma instituição que objetiva formar a pessoa humana a partir de uma educação geral, em que o saber deve proporcionar-lhe a vivência de relações sociais sadias e maduras, contribuindo para que os jovens construam seu próprio conhecimento e adquiram valores que os ajudem a construir sua trajetória.

Mas temos consciência de que as diferenças na renda familiar influem nas condições de escolarização e na incorporação de papéis no mundo do trabalho e na família, criando, nas novas gerações, diferenças quanto às perspectivas profissionais futuras.

Como completa Sposito (2009, p.39), “as mutações observadas no mundo do trabalho, no tempo livre e no lazer, as novas formas de socialização derivadas do uso intenso das tecnologias de informação e de comunicação, as múltiplas faces da vida privada e das relações entre homens e mulheres provocam impacto sobre os jovens que experimentam esses processos de formas múltiplas”.

Então, ao voltarmos o nosso olhar para esses jovens que estão indo para uma nova etapa de suas vidas, que é a Universidade, devemos considerar os segmentos sociais aos quais esses jovens pertencem; a diversidade de suas trajetórias de vida; seus sonhos e perspectivas de futuro.

Sendo necessário avaliar o quanto a desigualdade dos recursos oferecidos pela sociedade se reflete na Universidade, observamos esse fato a partir da inserção de estudantes nos cursos, já que a maioria dos jovens que estão a caminho da Universidade faz a escolha do curso de acordo com a classe pertencente, ou seja, os jovens de classes mais elevadas tendem a escolher cursos considerados com mais prestígio, tendo como motivação o prestígio desse curso no mercado de trabalho; diferentemente do que ocorre com os jovens de classes populares, que escolhem os cursos tendo como motivação a busca de aquisição de capital cultural, que não conformaram em suas famílias de origem.

E percebemos que, mesmo com a expansão da Universidade aos jovens de classes populares, ainda há desigualdades educacionais que precisamos resolver. Sendo assim, conhecer a trajetória desses jovens que chegam à Universidade é um fator importante para percebermos as distintas e desiguais condições de sua permanência na instituição.

A universidade brasileira não é mais somente o lugar das classes médias e das elites intelectuais. Há maior diversificação de públicos, e a expansão do ensino superior público e privado, com o ingresso de novos sujeitos de

classe, raça e gênero, provocou fenômenos sociais de um novo tipo que precisam ser considerados para entender o que significa ser estudante universitário hoje (CARRANO, 2009, p.180).

Desta forma, nos deparamos com um sistema universitário que se abre para as classes populares, que, antes, em sua maioria, eram excluídas do ensino superior, mas que não garante as condições necessárias para a permanência desses jovens nas Universidades.

Por fim, seguindo com o pensamento de fazer um mapeamento sobre os estudantes ingressantes na Universidade, procuraremos ampliar a nossa compreensão sobre a importância desta instituição na vida dos jovens que frequentam uma universidade pública, localizada em uma região periférica como São Gonçalo. Levando em consideração, como afirma Fernandez (2012, p.13), “a existência de desigualdades dentro da pobreza, sobretudo quando se pensa na desigualdade entre os diferentes territórios de uma cidade”.

1.4 Breve Caracterização de São Gonçalo ⁵

Como a pesquisa é sobre os jovens que estudam na Faculdade de Formação de Professores, que se localiza no município de São Gonçalo, faz-se necessário uma breve caracterização deste município para compreendermos um pouco mais sobre o local em que a Faculdade de Formação de Professores está inserida.

O Leste Metropolitano do Rio de Janeiro é formado por 06 dos 17 municípios que formam a Região Metropolitana, distribuídos ao redor da baía de Guanabara. Os municípios que fazem parte dessa região, que apresenta uma desigual relação, são: Niterói, São Gonçalo, Tanguá, Magé, Itaboraí e Guapimirim.

Entre os municípios que compõem o Leste Metropolitano, existe uma desigual relação nos índices de desenvolvimento econômico e social, tendo, o município de Niterói, os maiores índices de qualidade de vida.

⁵ As considerações contidas neste tópico sobre São Gonçalo foram construídas a partir de capítulo do trabalho monográfico de Aline da Fonseca Fernandez (2009) e do relatório de pesquisa de pós doutorado “Juventude e trabalho em tempos de expansão da escola”, 2010, da Prof.^a. Dr.^a. Mônica Peregrino.

O município de São Gonçalo foi fundado em 6 de abril 1579, pelo colonizador Gonçalo Gonçalves, mas somente em 1929 é alçado definitivamente à condição de cidade. Porém, mesmo depois de ter conseguido sua independência, continuava tendo uma relação desigual com Niterói, pois, em 1943, foi promulgada a Lei 1056, que estabelece uma nova divisão territorial no Estado do Rio de Janeiro, onde São Gonçalo perde sua Oceania (o distrito de Itaipu), que passou a pertencer ao município de Niterói. Considerado como um bairro operário, São Gonçalo abrigava parte dos dirigentes das indústrias instaladas na região. Entre as décadas de 1920 e 1950, ocorreram as primeiras obras para fornecimento dos principais serviços públicos, como abastecimento de água, serviço telefônico, transportes e calçamento. Atualmente, São Gonçalo possui 92 bairros e, segundo os resultados do Censo Demográfico de 2013, o município possui 1 025 507 habitantes⁶, sendo, atualmente, o segundo município mais populoso do Estado e o 16º mais populoso do país.

Os primeiros investimentos em infraestrutura urbana da cidade foram concentrados no distrito de Neves, devido a sua dependência político-administrativa e econômica em relação a Niterói, agregado a um fluxo irregular e concentrado dos investimentos em serviços de infraestrutura nas regiões ao mesmo tempo mais produtivas econômica e politicamente, sendo estas mais próximas de Niterói, que fizeram com que Neves fosse o primeiro distrito a obter esses investimentos e levando a uma urbanização não planejada do município de São Gonçalo.

Em 1910, a economia Gonçalense começou a caminhar em direção à industrialização, com a instalação de indústrias de grande porte na região, mas a partir da primeira metade do século XX, começou a entrar em decadência devido a alguns fatores, como a falta de modernização das indústrias e as dificuldades econômicas enfrentadas pelo país (PEREGRINO, 2009).

A expansão da cidade vem se dando atualmente de forma rápida e desordenada, apresentando um processo de industrialização descontínuo. O município está crescendo, mas os investimentos em melhorias urbanas não estão seguindo este crescimento. Como destaca Peregrino:

São Gonçalo é palco de um modo de urbanização crescente e polarizada, que implicou num primeiro momento em melhorias concentradas em algumas de suas regiões, sem que tivesse havido, contudo, planejamento

⁶ Fonte: [Censo Populacional 2013](#). *Censo Populacional 2013*. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

urbano que estendesse os benefícios às demais regiões. Desta forma, o processo de ocupação da cidade, nos remete a uma sobreposição de sistemas, com refuncionalização de seus espaços, sem modificação profunda de sua infraestrutura (PEREGRINO, 2011, p.4).

Deste modo, como enfatiza Peregrino (2011), o crescimento das atividades industriais que garantem a absorção da população deste município no mercado formal de trabalho não segue o crescimento populacional. Apresentando, portanto, mais uma vez, uma forte dependência das economias de Niterói e do Rio de Janeiro.

São Gonçalo é dividido administrativamente por 5 distritos, desde o ano 1943 (mapa): 1º Distrito: São Gonçalo; 2º Distrito: Ipiíba; 3º Distrito: Monjolos; 4º Distrito: Neves, 5º Distrito: Sete Pontes.

Mapa 1 – Regiões Administrativas de São Gonçalo



Fonte: FERNANDEZ, 2012.

Em relação à escolarização e à estrutura de cada distrito, podemos dizer que o distrito de São Gonçalo é o que apresenta maior concentração populacional, cerca de 36% da população, e o segundo maior em área territorial, ocupando 30% do território municipal. Faz fronteira com a Baía de Guanabara e com todos os outros distritos. Em relação à escolarização, mais de 92% da população do distrito de São Gonçalo é alfabetizada; cerca de 30% com 11 anos ou mais de estudo, demonstrando que possivelmente atingiram o Nível Médio. E em relação à estrutura, concentra, juntamente com o distrito de Neves, a maior parte dos aparatos públicos e privados, já que é a sede do município.

Em relação à Ipiíba, podemos dizer que este é o maior distrito em termos de área territorial, ocupando cerca de 32% do município. Em relação à escolarização, percebemos que menos de 90% da população é alfabetizada; apenas 17% da população têm mais de 11 anos de estudo, demonstrando que a maior parte não atingiu o Ensino Médio. E, além disso, apresenta um grande déficit em infraestrutura.

Já o distrito de Monjolos é o terceiro maior distrito, possuindo 22% do território do município de São Gonçalo. Apresenta o pior indicador educacional, com mais de 10% da população não sendo alfabetizada; menos de 15% tem grau de instrução superior a 11 anos de estudo. Além de apresentar também os piores indicadores socioeconômicos, sendo o distrito que apresenta a menor renda per capita.

Em Neves, podemos encontrar 17,6% da população, correspondendo a apenas 5% do tamanho do município. É o distrito que concentra a única Universidade pública do município, que é a faculdade onde está sendo feita a pesquisa. Em relação à escolarização, mais de 32% da população tem entre 11 ou mais de 15 anos de estudos, ou seja, possuem Ensino Médio, além de sua taxa de analfabetismo ser inferior a 6%. Concentra um grande número de aparatos públicos e possui as melhores condições de infraestrutura, além de ter a melhor renda per capita, segundo a prefeitura.

E em relação ao distrito de Sete Pontes, podemos dizer que este possui 11% do território municipal, concentrando pouco mais de 8% da população; percebemos que 93% da população é alfabetizada, entretanto, apenas 26% tem mais de 11 anos de instrução. Apresenta indicadores intermediários, pois não se iguala a Neves e nem é tão precário como Monjolos e Ipiíba, tornando-se o terceiro melhor, em nível de comparação entre os distritos.

Quanto aos outros municípios do Leste Metropolitano do Rio de Janeiro, quando observamos a infraestrutura urbana, vemos que há desigualdades, por exemplo, ao verificarmos o índice geral de abastecimento de água. No Estado, 83,29% dos domicílios são atendidos, já em Maricá, somente 21,52% dos domicílios; em Tanguá, 23,45%; em Itaboraí, 24,82%; em Magé, somente 46,65% e Guapimirim, 48,13%. Sendo assim, a maioria dos domicílios nesses municípios é abastecida por poço ou nascentes (IBGE, Censo Demográfico, 2000).

Com essa breve caracterização do município de São Gonçalo, podemos perceber que este é um município periférico, onde a maior parte da população

pertence à classe popular. Segundo Aline Fernandez (2010), ao estudarmos as periferias, como por exemplo, São Gonçalo, devemos levar em consideração que há desigualdades dentro da pobreza, principalmente quando se pensa na desigualdade entre os diferentes territórios de uma cidade. Como ressalva Fernandez (2010, p.45):

... não se deve negligenciar a dimensão espacial da desigualdade que se manifesta pelas diferentes modalidades de segregação sócio espacial, visível através da precária ou mesmo ausência na oferta de infraestrutura, políticas e aparatos públicos (oportunidade de educação, trabalho, vivências culturais, etc.) e privados, que acabam produzindo e reproduzindo limitações, singularidades e até mesmo novas possibilidades de se vivenciar as diversas maneiras de 'ser jovem'.

Contudo, apesar de São Gonçalo ser um município caracterizado como periférico, sendo composto, principalmente, pela classe popular (frações de uma mesma classe), ocorrem distinções significativas entre os distritos, em relação à escolarização e à oferta de infraestrutura, política e aparatos públicos e privados, que produzem e reproduzem limitações e singularidades.

Em relação ao termo “periferia”, verificamos que este surgiu nos anos 1970, sendo utilizado para qualificar um determinado território na metrópole pelo conjunto de carências que só nele são encontradas, como, por exemplo, carência de serviços públicos básicos, de urbanização das áreas públicas, de titularidade da propriedade e de proximidade do mercado de trabalho, entre outras (Kowarick, 1983; Ribeiro e Lago, 1992).

No entanto, logo depois, surgiu a noção de “cidade-dormitório”, que funcionou como síntese dessas carências e das enormes distâncias a serem percorridas diariamente entre o lugar da moradia e o do trabalho. Como afirma Miglioranza (2005, p. 3), cidade-dormitório é a “cidade cujos habitantes saem, na maioria, para trabalhar em outra cidade, voltando apenas para dormir”.

Mas, quando verificamos os dados do Censo Demográfico de 2000, em relação ao lugar de trabalho da população residente na metrópole do Rio de Janeiro, verificou-se uma mudança no percentual de pessoas que não saíam do seu município de residência, na periferia metropolitana, para trabalhar. De acordo com o Censo, 63% da população trabalhavam no município em que moravam, representando cerca de um milhão de pessoas, enquanto em 1980 o percentual era

de apenas 48%, aproximadamente 590 mil pessoas. Segundo Luciana Lago (2007, p.10):

... houve uma redução da mobilidade casa-trabalho de longa distância para os moradores da periferia, o que permite pressupor que o mercado de trabalho não só se expandiu nessas áreas, mas absorveu parte da mão-de-obra local. Uma primeira explicação para tal fenômeno seria que o aumento da imobilidade espacial dos trabalhadores estaria relacionado à expansão da economia informal precária nas áreas periféricas, inclusive nas mais distantes do centro, evidenciando uma descentralização econômica 'perversa', ou seja, áreas populares desconectadas dos centros que abrigariam uma economia precária de 'autossustentação'. Em outras palavras, o 'ganho' com a proximidade do trabalho estaria atrelado à 'perda' quanto à natureza desse trabalho.

Segundo Lago (2007), um dos motivos para o aumento de pessoas trabalhando no seu próprio município de residência seria a ampliação do mercado de trabalho local, gerando uma economia formal e informal de serviços de média e baixa qualificação para os setores médios⁷. Acrescenta-se a esse fator a ampliação da oferta de serviços "públicos" privatizados por todo o Brasil, junto com o aumento do preço desses serviços, principalmente os de transporte e de energia elétrica.

De acordo também com a autora, entre as regiões periféricas da metrópole, o município de São Gonçalo é o único que possui uma urbanização consolidada; os outros municípios ainda estão em expansão. E junto com o município de Niterói, São Gonçalo mantém a função de subcentro de comércio e serviço para os municípios de Itaboraí, Tanguá e Maricá. Observando os resultados de suas análises, com base nos censos demográficos de 1980, 1991 e 2000, que demonstram a heterogeneidade sócio-ocupacional dos moradores na escala intra-municipal e expõem o percentual de ocupados trabalhando em seu próprio município de residência, percebemos que apontam uma forte mudança no percentual e no volume de pessoas que não saíam de seu próprio município de residência na periferia metropolitana, diariamente, para trabalhar: 63% dos ocupados trabalhavam, em 2000, no município em que moravam, o que representava cerca de um milhão de pessoas. Isso ocorre devido ao aumento da imobilidade dos trabalhadores, que estaria relacionado à expansão da economia informal precária nas áreas periféricas populares, inclusive nas mais distantes do centro, e há um maior dinamismo

⁷ Esse argumento estaria respaldado em dados estatísticos oficiais referentes às atividades econômicas formais nos municípios da metrópole do Rio de Janeiro, entre 1996 e 2005, que revelam uma relativa desconcentração dos setores da indústria e dos serviços para fora da capital.

econômico em subcentros periféricos e, conseqüentemente, um mercado de trabalho para os setores médios. Tal dinamismo geraria, ainda, uma economia informal de serviços de baixa qualificação.

Entre 1980 e 2000, todos os municípios da periferia metropolitana, com exceção de Maricá e Itaboraí, apresentaram aumento expressivo no percentual de habitantes trabalhando em seu próprio município de residência. Dois fenômenos contribuíram para a maior absorção dos trabalhadores pelo mercado local: a expansão da economia urbana inerente ao próprio processo de urbanização e a crise econômica, a partir dos anos 1980, que reduziu a oferta de trabalho no núcleo metropolitano (LAGO, 2007, p. 23).

O município de São Gonçalo sofreu um processo de desindustrialização, havendo uma ampliação da retenção da mão-de-obra local. Em 1980, menos da metade dos trabalhadores residentes nesse município não se deslocava diariamente para outro. Em 2000, o quadro se inverteu: mais de 50% dos trabalhadores permaneciam no próprio município. Portanto, apesar de São Gonçalo ser um município periférico cuja maior parte da população pertence à classe popular, prevalecem defasagens e inúmeras desigualdades entre a estrutura urbana e a hierarquia social, decorrentes das diferenças dos tempos históricos de mudanças da sociedade e da forma de ocupação.

1.5 Fundação da Faculdade de Formação de Professores (FFP)⁸

O estudo das histórias das instituições escolares é um campo explorado por diversos trabalhos. Mas existia uma falácia no estudo da história de instituições escolares fluminense. Contudo, nos últimos anos, historiadores da educação têm procurado superar a lacuna com a publicação de trabalhos sobre a educação fluminense. O historiador Rui Aniceto Fernandes (2011, p. 208) salienta que os “primeiros debates sobre a formação de uma universidade do Estado do Rio de

⁸ As considerações contidas neste tópico sobre a fundação da Faculdade de Formação de Professores da UERJ foram construídas, principalmente, a partir de capítulo do trabalho monográfico de Gabriela Pedrazza.

Janeiro remontam aos anos de 1930, durante a elaboração da constituição estadual de 1936”.

A Faculdade de Formação de Professores, conhecida como FFP, é uma unidade da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. A Faculdade foi fundada em 1971, mas neste período de 1971 a 1975, a instituição ainda não pertencia à UERJ, mas sim ao Centro de Treinamento de Professores do Estado do Rio de Janeiro (CETRERJ), figura 1, que veio substituir o chamado CETRERJinho, que funcionava no bairro do Fonseca, Niterói, RJ. Foi construída uma estrutura física extensa, em uma área de 40.850 m², localizada no bairro do Patronato, em São Gonçalo, para a instalação do CETRERJ. No entanto, o secretário de Educação tinha, como pretensão, construir, no lugar do CETRERJ, um hotel que teria como intuito hospedar os professores que viessem do interior do Estado para fazer os cursos, mas esta ideia não se concretizou.

Em 14 de agosto de 1972, na estrutura deste Centro, foi criada a instituição de ensino denominada Faculdade de Formação de Professores, através do Parecer 251/72 do Conselho Estadual de Educação do Rio de Janeiro, que autorizou o funcionamento da FFP, começando a funcionar em setembro de 1973. Dois dos primeiros diretores da Faculdade de Formação de Professores figuram entre os Conselheiros que assinam o Parecer, são eles Helter Barcellos e Dalcy Ângelo Fontanive.

Figura 1 – Centro de Treinamento de Professores do Estado do Rio de Janeiro



Fonte: SILVA; TAVARES, 2010.

De acordo com a professora Norma Éboli (2001, p.265), associada da equipe de implantação do Centro de Treinamento:

O CETRERJ foi para São Gonçalo porque não se encontrou em Niterói uma área disponível para servir de sede. O que se encontrou era muito dispendioso. O Estado procurou. A própria Secretaria de Estado começou a procurar e teve dificuldades.

A Faculdade de Formação de Professores foi criada com o objetivo de formar, treinar e aperfeiçoar os professores em todos os níveis do Estado do Rio de Janeiro. Mas, na época do seu nascimento, o objetivo era, segundo Gabriela Pedrazza (2012, p.17), a “preparação dos primeiros cursos técnicos para professores com a duração mínima de quatro semestres letivos ou dois anos”. Segundo Roberto Levy Benathar, assessor técnico da Secretaria de Educação (1970-1972), a princípio a FFP ofereceria cursos de curta duração, as chamadas Licenciaturas de 1º Grau em Letras, Ciências e Estudos Sociais, tabela 1.1.

Tabela 1.1 - Cursos oferecidos na Faculdade de Formação de Professores (Conselho Estadual de Educação - Maio de 1973)

Licenciaturas de 1º Grau	Habilitação	Número de vagas
Letras	<i>Português</i>	90
Ciências	<i>Matemática e ciências biológicas</i>	150
Estudos Sociais	<i>Estudos Sociais, Educação Moral e Cívica e Organização social e política</i>	60

Fonte: FIGUEIRÉDO, 2010.

No ano de 1975, o CETRERJ tem seus objetivos ampliados, passando a se chamar Fundação Centro de Desenvolvimento de Recursos Humanos da Educação e Cultura (CDRH). Contudo, em 1980, a CDRH é reformulada, devido à união com a Fundação Instituto de Desenvolvimento Econômico Social do Rio de Janeiro (FIDERJ), passando a ser conhecida mais tarde como Fundação de Amparo à Pesquisa (FAPERJ), tendo como propósito o de promover e ampliar a pesquisa, além da formação científica e tecnológica. Portanto, a FAPERJ englobou os acervos patrimoniais e as receitas das Fundações extintas, incluindo a FFP, vinculação esta que foi feita sem consulta aos professores e alunos. Entretanto, mesmo depois dessas mudanças, a FFP foi mantida na sua estrutura inicial. Sendo assim, a

Faculdade de Formação de Professores, que neste período não realizava pesquisas de forma oficial, foi ligada a uma Fundação de fomento a atividades de pesquisa.

A despeito de ser uma instituição pública, vinculada à Secretaria de Estado de Educação e Cultura, os alunos da Faculdade de Formação de Professores pagavam pequenas mensalidades⁹, utilizadas na manutenção da Instituição. E em relação aos professores, Ana Cléa Ayres (2005, p.239) afirmava: “os professores não dispunham de plano de carreira e eram remunerados por hora/aula, o que dificultava o desenvolvimento de atividades para além das de ensino de graduação”. Ainda neste mesmo ano, a instituição apresentou outro problema, provocado pela mudança na legislação, em relação à acumulação de cargos públicos que promoveu um esvaziamento do quadro docente.

Em 1976, foi fundada a segunda instituição de ensino superior em São Gonçalo, a Faculdade de Educação, Ciências e Letras, atualmente denominada como Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO), mantida pela Associação Salgado de Oliveira de Educação e Cultura. A instituição oferecia cursos de Letras e Pedagogia, com habilitações em Magistério, Administração, Orientação Educacional e Supervisão.

Como destaca Figueirêdo (2010, p.156) em relação ao surgimento da Faculdade de Formação de Professores no município de São Gonçalo:

A iniciativa de criação da Faculdade de Formação de Professores no Estado do Rio de Janeiro possibilitou em São Gonçalo a existência de uma primeira instituição universitária pública. Mantê-la no espaço e ampliá-lo no que diz respeito à oferta de serviços e à extensão dos cursos de licenciatura, assim como o seu fortalecimento através das articulações das atividades de ensino às de extensão e pesquisa, exigiu um grande esforço de muitos dos que com ela estiveram envolvidos, sobretudo nos seus primeiros vinte e cinco anos. A sua criação colocou em cena inúmeros conflitos, a começar pelo próprio espaço físico....

Do ponto de vista pedagógico, os cursos de licenciatura sofreram uma grande influência do tecnicismo na década de 1970, disponibilizando aos professores uma formação técnica e profissional, englobando e relacionando um mínimo de conhecimento sobre “o que ensinar” ao conhecimento sobre “como ensinar”, havendo, ainda, neste período, como ressalva Ana Cléa Ayres (2005), uma grande carência de professores formados em cursos de Licenciatura.

⁹ Não sabemos os valores dessas mensalidades e não temos como afirmar quando deixaram de ser pagas.

Outro fato importante é que havia uma grande aproximação da Instituição com o mundo da escola, devido à forma de organização da mesma, muito mais próxima deste universo do que do universo universitário. Segundo Ana Cléa Ayres (2005, p.249):

Nas atas analisadas há um grande número de registros enfocando questões de comportamento dos alunos, recomendações para que os professores não se atrasassem nas aulas, nem saíssem mais cedo, para que não levassem os diários para casa, enfim, questões muito semelhantes às que ocorrem na escola. Além disso, provavelmente relacionado ao momento de ditadura no qual vivia o país, havia um grande controle dos estudantes por parte da Direção e do corpo docente.

As primeiras turmas da FFP iniciaram os estudos em setembro de 1973 e completaram o curso em fevereiro de 1974, sendo os cursos mais aligeirados, já que havia uma grande pressa em formar professores. Portanto, desde 1973 já havia mais de 500 professores no mercado de trabalho, em toda região, não somente no município de São Gonçalo.

Com o avanço do processo de abertura democrática no Brasil, em 1982, ocorreram eleições diretas para os governos estaduais, e Leonel Brizola, candidato pelo Partido Democrático Trabalhista, figura conhecida na política nacional brasileira e um dos líderes da resistência ao golpe militar de 1964, foi eleito Governador derrotando os representantes das principais correntes políticas do Estado do Rio de Janeiro, tendo como Vice-Governador o antropólogo Darcy Ribeiro. Neste processo de transição, em 1983, conforme decretado no Diário Oficial, a Faculdade foi vinculada à Universidade do Estado do Rio de Janeiro, ocasionando muitas discussões, já que ocorreu de forma repentina, sendo integrada à Secretaria de Estado de Educação.

Logo depois, um novo decreto foi estabelecido, em 05 de abril de 1983, obrigando o retorno da Faculdade de Formação de Professores ao comando da FAPERJ, sob presidência do então Vice-governador Darcy Ribeiro, temporariamente, passando então a fazer parte do Complexo Educacional de São Gonçalo, juntamente com o Centro Interescolar Walter Orlandine e a Escola Estadual Coronel Tarcísio Bueno, com o objetivo de oferecer educação do Pré-escolar ao 3º grau, além do Curso Normal Superior. Durante o seu período de funcionamento, professores, estudantes, equipamentos e materiais circulavam entre as três Unidades.

Este foi um período de grande preocupação para a FFP, já que a FAPERJ não autorizava a realização de vestibulares, o que era de grande importância para a manutenção da Faculdade, através do ingresso de novos alunos. Sendo cogitado, várias vezes, o fechamento da mesma, Figueirêdo (2010, p. 154) destaca que este período foi o início do combate político dos professores, funcionários e alunos contra o Governo estadual, em que houve paralisações e manifestações com o intuito de reivindicar a melhoria da qualidade de ensino e autonomia da FFP.

Em diferentes ocasiões a FAPERJ tentou impedir o ingresso de novos alunos através dos concursos vestibulares. Em 1986, os docentes da FFP conseguiram uma grande vitória através da realização do vestibular tendo o apoio do Conselho Estadual de Educação e à revelia da FAPERJ (NASCIMENTO, 2012, p. 189).

Em 1984, os professores e funcionários foram surpreendidos com cartas de demissão, que após forte reação interna foram revogadas. Em agosto, a crise na Faculdade de Formação de Professores se intensificou com o pedido de demissão da Diretora Fátima Cunha Ferreira Pinto. A professora Rosa Maria Paes Albuquerque foi indicada pela FAPERJ e teve seu nome referendado pela Congregação. Ainda neste ano, a FFP foi a pauta de discurso proferido pelo Deputado Estadual Godofredo Pinto em Sessão Extraordinária realizada na Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro no dia 24 de outubro. Na ocasião, o Deputado salientou “a omissão e o descaso das autoridades em dar solução aos problemas ocorrentes na Faculdade de Formação de Professores”.

Portanto, em meio a este processo de crise, os cursos realizaram uma grande reforma curricular, que passou a vigorar em 1984. As licenciaturas curtas em Letras e Ciências foram extintas, tornando-se os cursos totalmente plenos. “Assim, num período em que historiadores de diferentes regiões do país defendiam firmemente o fim da licenciatura curta, os professores da FFP estavam mais mobilizados com relação à situação interna da instituição” (NASCIMENTO, 2012, p. 187). O primeiro vestibular foi realizado em fevereiro de 1985.

Em julho de 1987, a FFP foi incorporada definitivamente à UERJ e três anos depois, foi realizado o primeiro concurso público para o cargo de docente da instituição. Como afirma Thiago Nascimento (2012, p.189), “Pouco menos de um mês após as queixas do Diretor terem sido enviadas à FAPERJ, o Governador Wellington Moreira Franco (1987-1991) assinou a Lei nº 1.175 de 21 de julho de

1987, que dispôs sobre os objetivos e estrutura da FAPERJ. De acordo com o Art. 10 a FFP passou a ser vinculada à UERJ”.

Apesar da disposição e motivação do corpo docente para o novo trabalho, a tarefa a qual se dedicaram não foi fácil. Sem estar vinculada a uma universidade que lhe desse sustentação, localizada em uma área pobre da periferia, criada como instituição estadual e tendo como missão uma atividade desprestigiada social e academicamente, esta faculdade ficou à mercê dos humores dos políticos estaduais. Isto fez com que mudasse de mantenedora várias vezes, sendo incorporada à UERJ em dois momentos e desincorporada logo em seguida, enfrentando crises e lutando pela sua manutenção (AYRES, 2005, p.237).

Em 1988 e em 1989, a reitoria da UERJ não autorizou a realização de vestibulares, permitindo o ingresso de novos alunos apenas por meio de transferências internas e aproveitamento de estudos. Voltaram a ocorrer somente em 1991, provocando mudanças estruturais na Instituição; a Faculdade estava sendo adaptada de acordo com a estrutura das Universidades brasileiras.

A incorporação da FFP à UERJ vai acarretar também uma intensificação da tensão entre a identidade original, ligada exclusivamente à formação de professores, e a perspectiva cada vez mais marcante de abertura para novas possibilidades formativas. A intenção era não deixar que o currículo da FFP fosse igualado ao currículo das licenciaturas da UERJ/Maracanã (AYRES, 2005, p. 275).

Um dos problemas que a FFP enfrentou após a sua ligação com a UERJ estava na dificuldade de se enquadrar numa grande estrutura universitária, completamente diferente da sua trajetória histórica de faculdade isolada. Era preciso descobrir o “caminho das pedras” e isto coube a alguns professores antigos, que mantiveram esse espírito de luta, e a alguns professores recém-chegados que, já imbuídos de uma visão mais universitária e não se conformando com a precariedade encontrada, procuraram conhecer a burocracia, a estrutura e os artifícios para conseguir da UERJ aquilo que precisavam para desenvolver os seus trabalhos.

Figura 2: Faculdade de Formação de Professores da UERJ



Fonte: SILVA; TAVARES, 2010.

Em relação aos cursos oferecidos pela FFP, houve muitas discussões e modificações entre os anos 1971 e 1973, até o currículo chegar à sua versão final. Inicialmente, a proposta era oferecer cursos de curta duração, para suprir as necessidades identificadas pelo Estado do Rio de Janeiro, mas pensando, ao mesmo tempo, de, no futuro, disponibilizar cursos de Licenciatura Plena e Pós-Graduação. Como ressalta Gabriela Pedrazza (2012, p.18):

Em 1973 quando a sede no Município de São Gonçalo foi inaugurada, o principal objetivo era a reciclagem das professoras primárias do Governo Estadual, para lecionar até o quinto ano do curso fundamental; além de formar professores para disciplinas técnicas do curso médio e treinar pessoal para funções administrativas na área da educação.

Os cursos oferecidos neste ano eram somente os de Letras, Ciências e Estudos Sociais. E, a partir do ano de 1995, começou a ser oferecido também o curso de Pedagogia. Em 1978, começou o processo para transformar os cursos de licenciaturas de 1º grau em licenciatura plena, onde os professores seriam habilitados a darem aula nos 1º e 2º graus. Esse processo foi feito de modo rápido, visto que, no ano de 1979, os cursos oferecidos pela Faculdade de Formação de Professores eram os de Licenciatura em 1º Grau em Estudos Sociais, Licenciatura Plena em Ciências (englobava os cursos de Ciências Biológicas e Matemática) e Licenciatura Plena em Letras.

Segundo o professor Almir Oliveira (2011, p. 27), Darcy Ribeiro (principal figura durante o primeiro Governo Leonel Brizola, 1983-1987, tendo acumulado diferentes cargos durante esta gestão), presidente da FAPERJ, “dizia que a FFP estava mal estruturada e era um dos que defendiam o fim da licenciatura curta. Achava que a licenciatura curta não levava a nada”.

A partir de 1978, ano em que os Departamentos de Letras e Ciências Exatas e da Natureza passaram a oferecer licenciaturas plenas, o Departamento de Estudos Sociais se viu constrangido a mudar sua estrutura e a caminhar em direção à plenificação da licenciatura curta em Estudos Sociais. A ‘cultura institucional’ e a força dos Órgãos colegiados da FFP, como o Conselho Departamental, impuseram certas características que eram comuns a todos os Departamentos. A manutenção de uma licenciatura curta não mais correspondia aos objetivos gerais da Faculdade, que pretendia assumir um lugar de destaque na formação de professores no Estado do Rio de Janeiro (NASCIMENTO, 2012, p.189).

Com essa mudança, no ano de 1995, os departamentos da Faculdade também sofreram modificações. Alguns departamentos que antes eram juntos, como o departamento de Ciências, que englobava os cursos de Ciências Biológicas e Matemática, foram divididos, e cada curso obteve o seu separadamente, o que aconteceu também com as áreas de conhecimento de História e Geografia, surgindo os cursos de Licenciatura Plena em História e Licenciatura Plena em Geografia, apresentando também, departamentos específicos para cada curso. Já o departamento de Letras, que no início obtinha qualificação em Português/Literatura, acrescentou, no seu currículo, os cursos de Português/Inglês e Inglês/Literatura.

Em relação ao Departamento de Educação, podemos dizer que este não oferecia um curso particular, pois disponibilizava, aos outros, disciplinas específicas como Estágios, Didática, Metodologia, Filosofia da Educação, entre outros. E em relação ao curso de Pedagogia, “como foi o último a ser criado, em 1995, o Departamento de Educação também foi o último a existir na Faculdade de Formação de Professores; sendo sua criação necessária à lógica organizacional da Unidade” (PEDRAZZA, 2012, p.20).

O Curso de Pedagogia, habilitado para as séries iniciais, também existia no campus Maracanã, o qual foi criado junto a Prefeitura do Rio de Janeiro em 1990, com objetivos de aperfeiçoamento de professores em exercício do sistema de ensino da cidade. Sua implantação em São Gonçalo apesar de aproximar-se, de certa maneira, do modelo do campus Maracanã, não possuía convênios com a prefeitura local (PEDRAZZA, 2012, p.20).

Assim sendo, foi lento o crescimento do número de alunos, tanto ingressantes, quanto concluintes, na Instituição, que só começou a se estabilizar depois de um tempo. Podemos observar que os estudantes são importantes atores no cenário institucional universitário e, principalmente, na Faculdade de Formação de Professores da UERJ. Já que a materialidade que dá suporte aos seus cursos foi construída devido ao espírito de luta desses jovens, devido à convivência de estudantes de áreas disciplinares bastante diferenciadas; o simbolismo de uma Unidade da periferia da metrópole, atendendo alunos de camadas sociais mais desprivilegiadas econômica e culturalmente, e a relação de maior proximidade entre alunos e professores fez com que estes incorporassem a Faculdade como um espaço que lhes pertence.

Como ressalva Ana Cléa Ayres (2005, p. 292), “São jovens que veem nesta Faculdade a única possibilidade de acesso à Universidade pública e buscam igualdade de condições de estudo em relação às Universidades do centro da metrópole”.

Portanto, a FFP vem buscando consolidar a presença da Universidade do Estado do Rio de Janeiro no Leste Fluminense, compreendendo a importância estratégica da Unidade para o desenvolvimento social, educacional, cultural, ambiental e econômico-político da região, possuindo uma história de luta e resistência.

1.6 Os cursos de licenciatura e sua importância

A partir de 1920, com o movimento “Escola Nova”, intelectuais começaram a se preocupar com a formação de professores em nível superior e a criticar o ensino tradicional, onde o ensino era dissociado da realidade dos alunos. Assim, surgiram as primeiras Universidades do país, a Universidade de São Paulo (1934), a Universidade do Distrito Federal (1935) e a Universidade do Brasil (1939). Segundo Ana Cléa Moreira Ayres (2005, p. 25), “o primeiro movimento oficial no sentido de instaurar a formação de professores secundários no Brasil”.

Diferentes projetos de formação de professores foram criados, como o projeto que trata da formação do professor pesquisador, preparando-o não apenas para a docência, mas para a pesquisa, que deveria ser o fio condutor do ensino, e este deveria “aproximar o jovem do contexto social ao qual pertencia” (SANTOS, 2011b, p. 06). Este foi um período de transformações sociais e educacionais.

No ano de 1930, diversas reformas educacionais foram elaboradas com o objetivo de criar um sistema nacional de educação, sendo este um período de grandes mudanças econômicas, políticas e sociais, em que grande parte da população continuava sem a possibilidade de adquirir acesso às condições mínimas de sobrevivência. No entanto, essas reformas educacionais não obtiveram o devido resultado, pois não havia uma demarcação sobre qual seriam os seus objetivos. Segundo Thiago Nascimento (2012, p.34), “Uma educação renovada não se faria sem a presença de novos professores e estes deveriam ser formados nas Universidades, a partir da construção de uma tradição de pesquisa”. O Brasil havia mudado, mas não a sua Educação.

A partir do século XIX, foram inseridas no Brasil as Escolas Normais, que tinham como objetivo formar professores para a escola elementar. Segundo Bernadete Gatti (2010, p. 486), “essas escolas correspondiam ao ensino secundário de então, e ao ensino médio, a partir de meados do século XX”. Em seguida, surge “a preocupação com a formação do professor secundário, correspondente aos atuais anos finais do ensino fundamental e ao ensino médio, em cursos específicos e regulares” (GATTI, 2010, p. 486).

Durante os anos do Império (1822-1889) e da Primeira República (1889-1930), poucos tinham a oportunidade de adquirir uma Educação formal, portanto, o número de escolas e alunos era reduzido. O ensino ficava por conta dos profissionais liberais, que não possuíam uma formação específica para ensinar.

Sendo assim, a partir do século XIX, no Brasil existia a prática da “provisão de professores”, já que os responsáveis por ensinar não tinham formação, atendendo à grande demanda por professores. Segundo Everardo Andrade (2006, p.29), “a exigência de formar não esteve presente desde o princípio do reconhecimento da necessidade de ensinar”. Mas, nos anos 1920 e 1930, houve um grande aumento das redes de ensino, pois havia a necessidade de escolarizar a população, então

esta expansão requisitou não somente um maior quantitativo de docentes, mas professores preparados propriamente para as atividades de ensino.

O exercício das atividades ligadas ao magistério exigia um treinamento profissional, uma formação que deveria preparar o futuro professor não apenas para a docência, mas também para a pesquisa. Sendo assim, neste período, surgiram os primeiros cursos em instituições de ensino superior. Segundo Candau (1987, p. 11), com este objetivo, “criam-se novas unidades de ensino, inseridas em diferentes projetos de universidade que emergem no período que vai de 1931 a 1939, e que incluem diferentes modelos de organização das unidades responsáveis pelo processo de preparação de professores”, unindo Formação de Professores e Universidade.

A Universidade constituirá, assim, ao menos como regra geral, e em estado de aspiração enquanto durar o regime transitório de institutos isolados, a unidade administrativa e didática que reúne, sob a mesma direção intelectual e técnica, todo o ensino superior, seja o de caráter utilitário e profissional, seja o puramente científico e sem aplicação imediata, visando assim, a Universidade o duplo objetivo de equipar tecnicamente as elites profissionais do País e de proporcionar ambiente propício às vocações especulativas e desinteressadas, cujo destino, imprescindível à formação da cultura nacional, é o da investigação e da ciência pura (CANDAU, 1987, p. 22).

Portanto, a Universidade não seria mais dedicada somente à formação de profissionais de determinadas áreas do conhecimento, mas também seria responsável pela “formação da cultura nacional”, a partir da “investigação” e “da ciência pura”. Sendo assim, em relação à Universidade do Estado do Rio de Janeiro, faltava-lhe, para completar sua envergadura universitária, o elemento artístico, indispensável e obrigatório complemento de toda cultura. Portanto, a Faculdade de Educação, Ciências e Letras articularia os outros Institutos, transcendendo aos “limites puramente profissionais” e promovendo “um autêntico sistema de valores espirituais”, como deve ser o organismo Universitário.

Alguns dias antes da aprovação da Reforma do Ensino Secundário, o Ministro Francisco Campos estabelece o chamado Estatuto das Universidades Brasileiras. Este Estatuto pretende dar um caráter universitário às instituições de ensino superior já existentes no Brasil, notavelmente voltadas à formação profissional. Ao mesmo tempo, outro Decreto reorganiza a Universidade do Rio de Janeiro, nos moldes do Estatuto, tornando-a modelo para as demais universidades brasileiras. É neste Estatuto que a questão da formação de professores para o ensino secundário será enfrentada oficialmente pela primeira vez, definindo-se para

isto também um modelo a ser implementado em todas as universidades (AYRES, 2005, p.190).

Uma formação específica e uma formação pedagógica, não excludentes, mas complementares, não havendo distinções na formação dos professores dos diferentes níveis de ensino. Deste modo, a formação de professores se articularia em torno de ensino, pesquisa e extensão, onde a Universidade seria responsável pela investigação científica, transmissão dos conhecimentos e incentivo à formação de novos pesquisadores.

Tornava-se, pois, indispensável dar à Universidade do Rio de Janeiro temas autenticamente universitários, incorporando à sua estrutura reduzida ao esqueleto do ensino puramente profissional, as grandes divisões da arte e da cultura científica – o que se fez, agregando-se-lhe a Escola de Belas Artes, o Instituto Nacional de Música, radicalmente remodelados na sua orientação artística e didática, e a Faculdade de Educação, Ciências e Letras. Essa última, particularmente, pela alta função que exerce na vida intelectual, é que dá, de modo mais acentuado, ao conjunto dos Institutos reunidos em Universidade, o caráter propriamente universitário, permitindo que a vida universitária transcenda os limites do puramente profissional, abrangendo, em todos os seus aspectos, os altos e autênticos valores, da cultura, que à Universidade conferem o caráter e atributo que a definem e individualizam, isto é a universalidade (CAMPOS, 1931, p. 25-26).

Entretanto, segundo Ayres (2006, p. 25), além de promover os “altos valores da cultura”, a instituição seria “responsável por uma importante tarefa – a formação de professores para o ensino secundário”, não fugindo, assim, da formação profissional. “Essas considerações determinaram o caráter especial e misto da nossa Faculdade de Educação, Ciências e Letras, dando-lhe ao mesmo tempo funções de cultura e papel eminentemente prático” (CAMPOS, 1931, p. 26). Portanto, as duas funções estariam interligadas e se complementariam. Este é o primeiro movimento oficial no sentido de instaurar a formação de professores secundários no Brasil. No entanto, a Faculdade de Educação, Ciências e Letras da Universidade do Rio de Janeiro não chegou a funcionar. Segundo Ayres, apesar da enfática defesa de sua necessidade e da missão transcendente que caberia a ela, somente após oito anos uma Faculdade com essa natureza foi implantada na Universidade do Rio de Janeiro.

A educação superior no Brasil foi organizada a partir da necessidade de formação para o exercício das profissões liberais, sem, no entanto, ‘abrir seus quadros rígidos a todas as profissões que exijam conhecimentos científicos’. Dentre as profissões que tinham ficado de fora do ensino

superior e que exigiam 'conhecimentos científicos' e específicos estava o magistério. Os pioneiros advertiam sobre a importância de se pensar a formação dos professores para o ensino secundário e de se repensar a formação do professor primário (AZEVEDO, 1932, p. 139).

1.7 Licenciatura curta

Os cursos de licenciatura de curta duração na área de formação de professores, e faculdades isoladas se tornaram uma combinação frequente na estrutura do ensino Superior. Em 1948, o primeiro projeto de Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional já previa a criação de cursos de duração reduzida para formação de professores e especialistas em educação, “a fim de minimizar a demanda em relação à oferta”. Segundo este documento, “a escola média brasileira [vinha] se defrontando com sério obstáculo ao seu processo de expansão, isto é, o sensível déficit de pessoal qualificado, o que obriga a improvisação de professores em detrimento dos padrões de ensino” (SUCUPIRA, 1964, p. 107). Portanto, formavam-se mais professores, em menos tempo. Deste modo, o surgimento dos cursos de licenciaturas curtas foi impulsionado pela demanda por professores para fazer frente à expansão da escolarização da população.

A ênfase recaía sobre o aspecto quantitativo do problema em detrimento do qualitativo, não seria preciso que o professor do ensino das primeiras séries tivesse formação aprofundada. Um professor habilitado, mesmo que minimamente, a ensinar um bloco de disciplinas diminuiria a carência de profissionais. Uma vez mais aparece a lógica do mínimo pelo menos. Uma diminuição do período de integralização da licenciatura de quatro para três anos e um acúmulo de conteúdos a serem vistos neste breve espaço de tempo (FERREIRA, 1982, p. 17).

Mas, somente em outubro de 1964, elas foram efetivamente criadas, sendo estes os primeiros anos do Regime Militar, alterando profundamente a lógica de formação de professores que vinha sendo praticada até então. Depois de um tempo, surgiram as Licenciaturas Plenas. Estas Diretrizes Curriculares para a Formação de Professores para a Educação Básica, em nível superior, inauguram um novo momento da história da formação docente brasileira, configurando-se como uma nova gênese deste processo (Andrade, Ayres e Selles, 2004).

Nos anos de 1970, as licenciaturas curtas, em diferentes partes do Brasil, já eram muito criticadas por intelectuais e professores que a consideravam aligeirada.

Criada como uma Instituição Superior isolada, num Estado que tinha forte ênfase na questão educacional e de formação de professores (que fora extinto em 1975), e para oferecer licenciaturas curtas, a FFP possuía características que, correndo o risco de sermos redundantes, a isolavam ainda mais no cenário educacional fluminense. A Universidade do Estado do Rio de Janeiro e a Universidade Federal Fluminense, por exemplo, não haviam adotado as licenciaturas curtas.

A licenciatura de 1º grau, apesar da carência de professores para o 1º grau, deve ser encarada como uma solução emergencial e não definitiva, principalmente em centros urbanos, onde já existem Universidades e Faculdades em nível mais elevado, como parece ser o caso da FFP. A justificativa para a conversão dos cursos estava em sintonia com a discussão educacional desenvolvida no meio acadêmico brasileiro dos anos de 1970 e 1980 acerca das licenciaturas de curta duração, que defendia fortemente a extinção destas. Os objetivos eram claros: formar o professor para atuar no ensino de 1º grau.

Depois de quatro anos de experiência com a Licenciatura Curta, em 1978, os cursos de Letras e Ciências da FFP passam a ter a possibilidade de complementação para obtenção do diploma de Licenciatura Plena. O Curso de Licenciatura Curta em Estudos Sociais se manteve e só foi ampliado para licenciatura plena, com habilitação em História e Geografia, em 1985. Esta pressão dos estudantes para tornar os cursos plenos vem ao encontro dos argumentos apresentados por Cunha (1977a) ao criticar o processo de implantação das Licenciaturas Curtas no Brasil. Segundo ele, havia uma forte resistência das corporações profissionais, no sentido de evitar a desvalorização econômica e simbólica dos diplomas e também dos estudantes que buscavam ingressar em um curso de longa duração, depois de terem terminado o primeiro de modo a “completar” sua formação.

De acordo com o parecer 11/78 do Conselho Estadual de Educação, a FFP, desde 1973, havia lançado, no mercado de trabalho, não só no município de São Gonçalo, mas na região, mais de 500 profissionais para atendimento de 5ª a 8ª série do 1º grau. Cabe registrar que a “pressa” em formar os professores fazia com que os cursos fossem ainda mais aligeirados, não em termos de duração de carga horária, mas de organização no tempo. Assim, muitas vezes não seguiam o calendário letivo habitual, encurtando as férias.

Ao tratar da implementação da Licenciatura Plena e da questão do retorno dos estudantes para complementação do seu curso, os professores se preocuparam em estimular os alunos para que estes continuassem o curso, dando continuidade aos estudos. Mostrando aos alunos que com a Licenciatura Plena eles teriam outras oportunidades além do magistério, apesar de ser um curso de formação de professores, a Licenciatura Plena, já naquela época, começa a abrir os horizontes profissionais dos estudantes e professores.

2 METODOLOGIA

... criar um projeto de pesquisa é virar a própria mesa, rachando os conceitos e fazendo ranger as articulações das teorias.
(CORAZZA, 2007, p.118)

A pesquisa tem como principal objetivo fazer um perfil dos jovens estudantes da Faculdade de Formação de Professores da UERJ, sendo, esta, localizada em uma região periférica como São Gonçalo, percebendo se há diferença entre os alunos dos cursos oferecidos na Faculdade em relação às categorias relacionadas à Escolaridade dos pais, renda, idade, sexo, curso, cor, local de moradia, turno cursado no Ensino Médio e na Faculdade; se o fato de ter escolhido determinado curso está relacionado à maior possibilidade de conseguir emprego e melhores salários; idade que se inseriu no mercado de trabalho; se já fez algum curso de língua estrangeira e com quem mora. Pois sabemos que os jovens não vivem ou experimentam as mesmas coisas de forma semelhante, e a todo o momento somos bombardeados com “maneiras” que incorporamos ao nosso modo de vida. Temos acessos a diversas informações as quais nos passam maneiras de viver, de pensar, perceber, sentidos de vida que absorvemos. Como ressalta Pelbart:

O fato é que consumimos, mais do que bens, formas de vida – e mesmo quando nos referimos apenas aos estratos mais carentes da população, ainda assim essa tendência é crescente. Através dos fluxos de imagem, de informação, de conhecimento e de serviços que acessamos constantemente, absorvemos maneiras de viver, sentidos de vida, consumimos toneladas de subjetividade (PELBART, 2003, p. 20).

Sendo assim, cada pessoa tem o seu próprio percurso, individual, que varia consoante a especificidade do cotidiano, com as encruzilhadas com que se deparam e que estão diretamente relacionadas com a família, a classe e origem social.

Pensamos que a universidade é uma das etapas mais difíceis da vida dos jovens, já que nesta fase eles precisam lidar com diversas questões, como os riscos da droga, violência, falta de trabalho, dificuldade de acesso a um sistema educacional de qualidade, e a falta de liberdade por conta da dependência dos pais.

E como esta é uma pesquisa sobre jovens universitários, necessito ter uma distância mínima que garanta condições de objetividade em meu trabalho, já que eu também sou jovem, faço parte dessa categoria e moro na região pesquisada. Como ressalta Velho (1978, p.36), “afirma-se ser preciso que o pesquisador veja com olhos

imparciais a realidade, evitando envolvimento que possam obscurecer ou deformar seus julgamentos e conclusões”. Mas, mesmo assim, é inevitável não possuir um envolvimento com o objeto de estudo, não sendo isto, um defeito. E como ele ainda destaca, “a ideia de tentar pôr-se no lugar do outro e de captar vivências e experiências particulares exige um mergulho em profundidade difícil de ser precisado e delimitado em termos de tempo. Trata-se de problema complexo, pois envolve as questões de distância social e distância psicológica” (VELHO, 1978, p.37).

Há uma familiaridade com o tema juventude, com os jovens, mas o meu conhecimento sobre suas vidas, crenças, hábitos e valores é diferenciado. Sou familiarizada com esse grupo de pessoas, com essa categoria, mas no decorrer da pesquisa conhecerei suas trajetórias de vida, o que pode me provocar uma familiaridade ou um estranhamento, já que o que geralmente vemos e encontramos pode nos ser familiar, mas isso não significa que seja conhecido, e o que geralmente não vemos e encontramos pode nos ser exótico, mas até um determinado ponto, conhecido. (VELHO, 1978).

... trabalho do pesquisador como aquele que transforma, em primeiro lugar, a si mesmo: aquele que, como filósofo, é chamado a ultrapassar não só o senso comum, ordinário ou acadêmico, mas a ultrapassar a si mesmo, a seu próprio pensamento. Fica, então, para aquele que propõe uma determinada investigação, por simples que seja, o convite ao trabalho de pensar sua própria história para ‘liberar o pensamento daquilo que ele pensa silenciosamente, e permitir-lhe pensar diferentemente’ (FOUCAULT, 1984, p.14).

Então, o primeiro desafio será domesticar teoricamente o meu olhar, pois “... a partir do momento em que nos sentimos preparados para a investigação empírica, o objeto, sobre o qual dirigimos o nosso olhar, já foi previamente alterado pelo próprio modo de visualizá-lo” (OLIVEIRA, 2006, p.19), já que cada um possui uma maneira de ver a realidade, seja qual for esse objeto.

Portanto, será necessário desnaturalizar o meu olhar sobre o que me é familiar, para, assim, perceber as indagações que vão surgindo, estranhar o que é familiar e me familiarizar com o que é estranho, como destaca também da Mata (1978, p.29): “o exótico nunca pode passar a ser familiar; e o familiar nunca deixa de ser exótico”. Sendo assim, devo procurar administrar o meu etnocentrismo, deixando para trás a minha atitude etnocêntrica, para poder confrontar a diferença, viver a diferença, para conseguir ir além do que o óbvio mostra. E, a partir disto, passar a “interagir de forma

potente com a realidade vivida, a romper com o instituído, a estabelecer novas relações, a experimentar diferentes articulações” (ESTEBAN, 2003, p.126).

A minha interpretação, a minha subjetividade estará presente na minha pesquisa, mesmo eu procurando me colocar no lugar do outro. Como ressalva Velho (1979, p.42), “a realidade (familiar ou exótica) sempre é filtrada por um determinado ponto de vista do observador, ela é percebida de maneira diferenciada”. Toda pesquisa é influenciada pelo olhar do pesquisador, nenhuma pesquisa é neutra.

Com isso, a partir destas experiências que me tirarão da zona de conforto, refletirei sobre a minha própria experiência de pesquisa; já que nós não sabemos o que encontraremos na nossa ida ao campo, vamos com objetivos, cheios de dúvidas e incertezas, mas são essas dúvidas que nos levam a produzir conhecimento; é a pergunta que nos move em direção ao conhecimento. Portanto, como ressalta Peregrino (2009, p.20), “... aproximar-se de um objeto é deixar-se, em certa medida, envolver-se por ele. Esse envolvimento, porém, não nos absolve de um necessário distanciamento, que é, em última instância, o que permite a análise”.

Quando nos preparamos para começar a fazer uma pesquisa, pensamos logo no nosso objeto de estudo, no problema de pesquisa, quais os nossos objetivos, nossas hipóteses e pensamos, principalmente, sobre o caminho que percorreremos e quais as ferramentas que utilizaremos para alcançarmos o nosso objetivo, já que a escolha do método é uma das etapas mais importantes da pesquisa e que deve ser feita com todo o cuidado. Não existe um método certo ou errado, mas devemos escolher aquele que achamos mais adequado ao nosso objeto de pesquisa, o que achamos mais propício a nossa pesquisa, compreendendo também que é o problema que orienta a abordagem.

Como destaca Minayo e Sanches:

Um bom método será sempre aquele, que, permitindo uma construção correta dos dados, ajude a refletir sobre a dinâmica da teoria. Portanto, além de apropriado ao objeto da investigação e de oferecer elementos teóricos para a análise, o método tem que ser operacionalmente exequível (MINAYO; SANCHES, 1993, p. 2139).

Desse modo, a pesquisa, no primeiro momento, fez uma revisão bibliográfica sobre os temas juventude, transição para a vida adulta, expansão da Universidade e Jovens universitários. Em seguida, fizemos uma caracterização da cidade de São Gonçalo, e um histórico da formação de professores na FFP, buscando situá-la na

história recente da formação de professores no Estado do Rio de Janeiro e no âmbito dos debates acerca das licenciaturas. Logo depois desse levantamento bibliográfico, através do departamento da UERJ, conseguimos alguns dados sobre os jovens da Faculdade de Formação de Professores que nos ajudaram na construção do perfil dos estudantes.

Inicialmente, o trabalho consistia em fazer um perfil dos jovens universitários, de todos os cursos da Faculdade de Professores da UERJ, localizada em uma região periférica como São Gonçalo, buscando compreender influências das variáveis socioeconômicas, demográficas e acadêmicas em suas trajetórias através da aplicação de questionários aos estudantes ingressantes dos cursos de licenciatura da FFP. Contudo, este objetivo preliminar não foi alcançado, pois mais de cem questionários foram aplicados e uma dezena destes foi devolvida, mas respondidos de forma insatisfatória (incompletos). Com isso, foi solicitada a cooperação, junto às coordenações de cursos e a diretoria da FFP, que atenderam prontamente. Porém, estávamos em fase de final de período na FFP, e foi solicitado que fizéssemos no início do próximo período.

É sabido que o Brasil passa por um momento de dificuldades na economia e política e tal fato se reflete nos Estados. A Universidade como estrutura de conhecimento, saber e cultura não permanece alheia aos fatos, com isso participa dos processos reivindicatórios da sociedade. Uma das formas de manifestação é através da paralisação das aulas nas instituições públicas, direito líquido e válido presente na constituição do Brasil. E, durante o início deste semestre, que já se encontrava atrasado devido às paralisações anteriores, a UERJ-FFP adiou o início de suas aulas algumas vezes, com isso o tempo para aplicação do questionário foi reduzido e a validação dos resultados diminuiu.

Visando contornar esta dificuldade e realizar a pesquisa de análise do perfil dos estudantes ingressantes da FFP, foram solicitados, junto ao setor administrativo da UERJ, os dados do questionário socioeconômico dos alunos que ingressaram nos seis cursos de licenciatura da FFP (Pedagogia, História, Matemática, Letras, Geografia e Biologia), do ano de 2013, já que os dados do ano 2014 não puderam se disponibilizados, pois ainda estavam sendo processados. Assim, foram disponibilizados os dados completos de 2013.

A análise quantitativa foi feita por meio do tratamento estatístico¹⁰ dos dados coletados. O passo seguinte foi a coleta de dados, que consiste na busca ou compilação dos dados das variáveis; foi realizado o modelo de coleta indireta, no qual os dados são obtidos através de outras fontes de informação, neste caso, o questionário socioeconômico da UERJ.

A etapa posterior foi a revisão crítica dos dados, objetivando a eliminação de erros (erro de digitação) capazes de provocar futuros enganos de apresentação e análise, não sendo encontrado nenhum valor fora do padrão.

Como parâmetro da análise estatística, utilizou-se o conceito frequência simples relativa percentual ($F_{ri\%}$), que representa a proporção de observações de um valor individual ou de uma classe em relação ao número total de observações. Para isso foi realizado o seguinte cálculo:

$$F_{ri\%} = \frac{\text{número de indivíduos por evento}}{\text{número total de indivíduos}} \times 100 = \text{valor relativo em percentual (\%)}$$

Os dados e variáveis coletados foram organizados na forma de tabelas e gráficos para que permitissem um estudo comparativo, além do cruzamento de algumas variáveis.

Em relação ao método, podemos considerar que a pesquisa também utiliza o método de tipo “estudo de caso”, já que estudamos o caso dos jovens universitários da Faculdade de Formação de Professores, ou seja, jovens de cursos de licenciatura, de uma Unidade de expansão de uma Universidade pública do Rio de Janeiro, em um município considerado periférico.

Em relação ao surgimento do “estudo de caso”, André (2005) diz que este surge, na sociologia e na antropologia, no final do século XIX e início do século XX. E, na Educação, o estudo de caso aparece nas décadas de 60 e 70 apenas como estudo descritivo de uma unidade: uma escola, um professor, entre outros.

¹⁰ Estatística é um ramo do conhecimento que consta de um conjunto de processos cujo objetivo é a observação, a classificação e a análise de fenômenos coletivos ou de massa (finalidade descritiva) e, também, a possibilidade de efetuar inferências indutivas válidas, a partir de dados observados, e buscar métodos para permitir essa inferência (finalidade indutiva). Portanto, é uma parte da matemática aplicada que fornece métodos para coleta, organização, descrição, análise e interpretação de dados e para a utilização dos mesmos na tomada de decisões.

O propósito do estudo de caso é analisar intensivamente uma dada unidade social, adotando um enfoque exploratório e descritivo. Segundo Yin (1989, p.23):

... está é uma forma de se fazer pesquisa empírica que investiga fenômenos contemporâneos dentro de seu contexto de vida real, em situações em que as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não estão claramente estabelecidas, onde se utiliza múltiplas fontes de evidência.

Conforme destaca Yin (2001), o estudo de caso é uma estratégia de pesquisa que compreende um método que abrange tudo em abordagens específicas de coletas e análise de dados. O estudo de caso contribui para compreendermos melhor os fenômenos individuais, podendo identificar aspectos gerais, relacionando-os com outras situações convergentes. Segundo Yin (2001, p.32), o estudo de caso é:

[...] uma investigação científica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos; enfrenta uma situação tecnicamente única em que haverá muito mais variáveis de interesse do que pontos de dados e, como resultado, baseia-se em várias fontes de evidência [...] (YIN, 2001, p.32-33).

Portanto, a partir dos dados dos alunos ingressantes do ano de 2013 da Faculdade de Formação de Professores, oferecidos pelo setor administrativo da UERJ, fizemos gráficos e os analisamos para a obtenção de um perfil dos alunos da FFP.

3 RESULTADOS

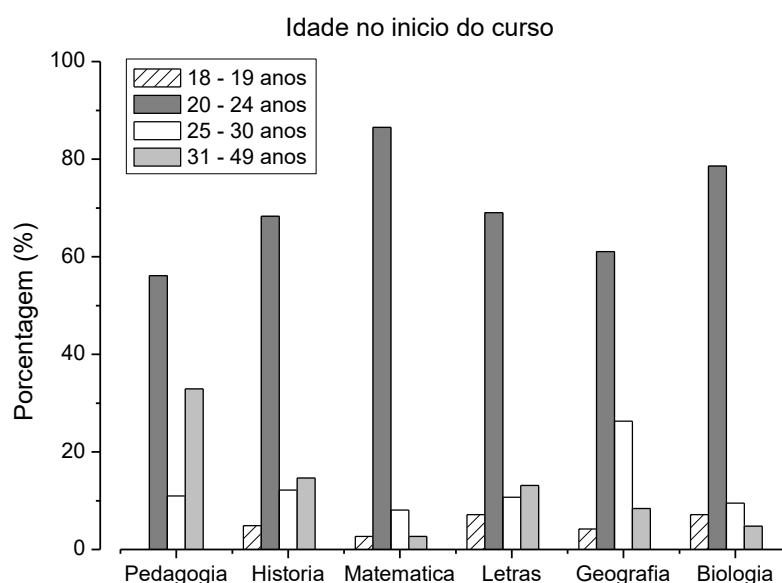
A partir da técnica de coleta indireta de informações junto ao questionário socioeconômico cedido pelo Departamento de Seleção Acadêmica da UERJ (apresentado no anexo 1), fizemos a análise do perfil dos estudantes ingressantes nos seis cursos (Pedagogia, História, Matemática, Letras, Geografia e Biologia) do ano de 2013, da Faculdade de Formação de Professores. A análise percentual será demonstrada em gráficos para observarmos melhor as similaridades e diferenças entre os cursos, e em tabelas, para aferição dos valores obtidos. Como foi dito anteriormente, as informações obtidas através da UERJ foram sobre as categorias relacionadas à Escolaridade dos pais, renda, idade, sexo, curso, cor, local de moradia, turno cursado no Ensino Médio e na Faculdade; se o fato de ter escolhido determinado curso está relacionado à maior possibilidade de conseguir emprego e melhores salários; idade que se inseriu no mercado de trabalho; se já fez algum curso de língua estrangeira e com quem mora.

Faz-se necessário ressaltar que trabalhamos com faixas de idades e não com valores discretos das idades (utilizando, para isso, as faixas de idade utilizadas pelo IBGE, adaptando-as ao universo em investigação). Esta análise possibilita verificarmos se a maioria dos estudantes universitários estava em uma faixa etária considerada “a faixa apropriada para a entrada na faculdade” ou se obtinha mais idade e só agora estava tendo a oportunidade de cursar uma Faculdade, procurando saber qual a faixa de idade predominante. Portanto, trabalhamos com quatro faixas – 1ª faixa (alunos com 18 e 19 anos); 2ª faixa (alunos de 20 a 24 anos), 3ª faixa (alunos de 25 a 30 anos) e 4ª faixa (alunos de 31 a 49 anos). Na 4ª faixa, trabalhamos com alunos de 31 a 49 anos, porque havia poucos alunos com esta idade.

No gráfico 3.1 e tabela 3.1, referentes à idade dos jovens quando ingressaram na Faculdade, vimos que o curso de Letras, juntamente com o curso de Biologia, possui a maior porcentagem de jovens na faixa 1, com 7,14%. Já o curso de Pedagogia não possui nenhum jovem nessa faixa etária. Na faixa 2, é o curso de Matemática que possui maior número de jovens, com 86,49%, sendo o curso de Pedagogia o que tem a menor porcentagem de jovens nessa faixa, com 56,1%. Em relação à faixa 3, o curso de Geografia apresenta maior número, 26,32%, e o de

Matemática possui o menor número de jovens nesta faixa etária, com 8,11%. Em relação à faixa 4, o de Pedagogia é o que tem maior porcentagem, com 32,93%, e o de Matemática, o menor número de jovens nesta faixa, 2,7%. Portanto, os alunos do curso de Pedagogia são alunos mais velhos. Fazendo uma correlação com o gráfico referente ao principal responsável pelo sustento da família, observamos que a maioria dos alunos de Pedagogia é sustentada pelo cônjuge, e a partir da análise deste gráfico sobre idade, vimos que isso acontece por serem alunos mais velhos.

Gráfico 3.1 – Percentual da idade dos jovens quando ingressaram na Faculdade.



Fonte: A Autora, 2015.

Tabela 3.1 – Distribuição percentual referente à idade dos jovens quando ingressaram na

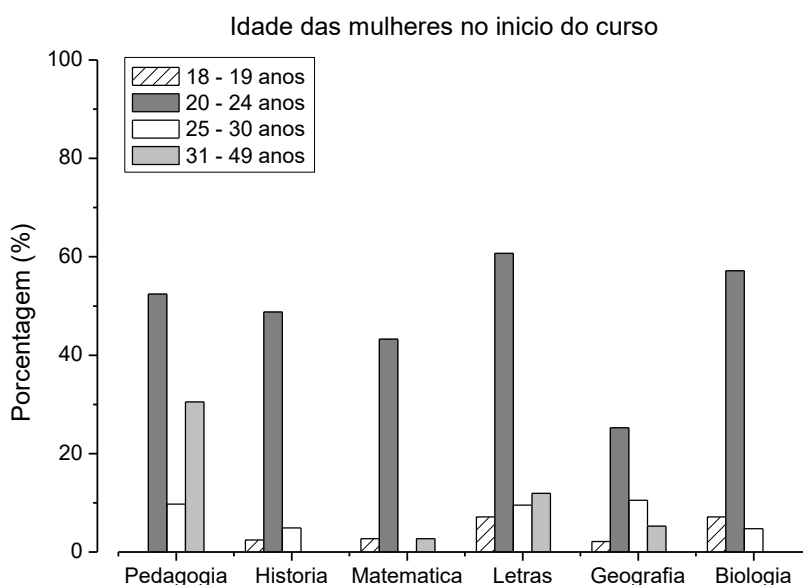
Faculdade.

Idade (todos)	Faixa 1 (18-19)	Faixa 2 (20-24)	Faixa 3 (25-30)	Faixa 4 (31-49)
Pedagogia	0	56,1	10,98	32,93
História	4,88	68,29	12,2	14,63
Matemática	2,7	86,49	8,11	2,7
Letras	7,14	69,05	10,71	13,1
Geografia	4,21	61,05	26,32	8,42
Biologia	7,14	78,57	9,52	4,76

Fonte: A Autora, 2015.

No gráfico 3.2 e tabela 3.2, sobre a idade das mulheres no início do curso, e fazendo uma referência com o gráfico anterior, percebemos que os cursos de Letras e Biologia possuem a maior porcentagem de pessoas, 7,14%, na Faixa 1, sendo estas pessoas do sexo feminino. Em relação à Faixa 2, Letras apresenta maior porcentagem de mulheres, com 60,71%. Este curso tem a segunda maior porcentagem de pessoas nesta faixa etária. Na Faixa 3, vimos que o curso de Matemática não tem nenhuma mulher, apresentando também um menor número de pessoas nesta categoria, 2,7%. E o de Geografia tem o maior número de mulheres nesta faixa, com 10,53%. E em relação à faixa 4, Pedagogia tem a maior porcentagem de mulheres, com 30,49%, sendo também o curso que possui maior número de pessoas nesta faixa etária. Os cursos de História e Biologia não apresentam mulheres com esta faixa.

Gráfico 3.2 – Percentual sobre a idade das mulheres no início do curso.



Fonte: A Autora, 2015.

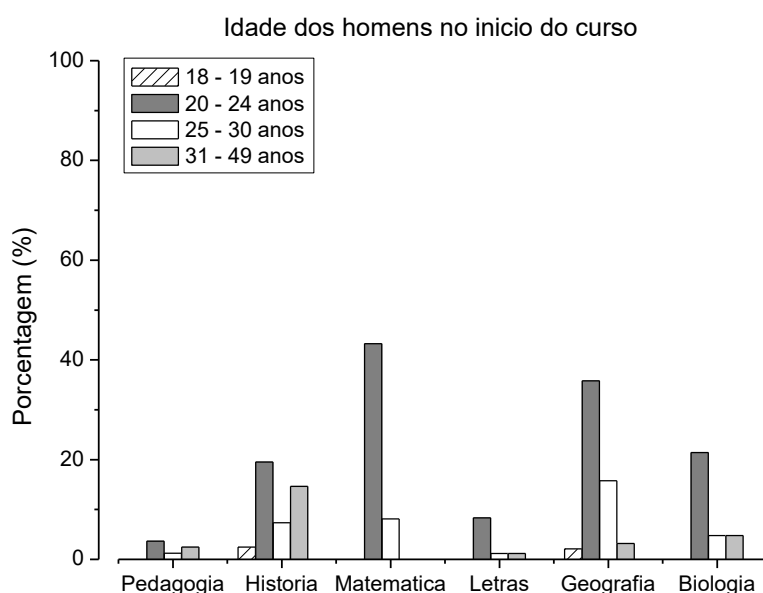
Tabela 3.2 – Distribuição percentual referente à idade das mulheres no início do curso.

Idade (mulher)	Faixa 1 (18-19)	Faixa 2 (20-24)	Faixa 3 (25-30)	Faixa 4 (31-49)
Pedagogia	0	52,44	9,76	30,49
História	2,44	48,78	4,88	0
Matemática	2,7	43,24	0	2,7
Letras	7,14	60,71	9,52	11,9
Geografia	2,11	25,26	10,53	5,26
Biologia	7,14	57,14	4,76	0

Fonte: A Autora, 2015.

No gráfico 3.3 e tabela 3.3, sobre a idade dos homens no início do curso, vimos que os cursos de Pedagogia, Matemática, Letras e Biologia não possuem pessoas do sexo masculino na Faixa 1, sendo o curso de História o que tem a maior porcentagem, com 2,44%. Na faixa 2, o curso de Matemática tem o maior número de homens nessa faixa etária, com 43,24%, e o de Pedagogia, a menor porcentagem, 3,66%. Em relação à faixa 3, observamos que o de Geografia possui o maior número de homens, com 15,79%, e o curso de Pedagogia, o menor, 1,22%. E na faixa 4, o curso de Matemática não possui pessoas nesta categoria, enquanto o de História tem a maior porcentagem, com 14,63%.

Gráfico 3.3 – Percentual sobre a idade dos homens no início do curso.



Fonte: A Autora, 2015.

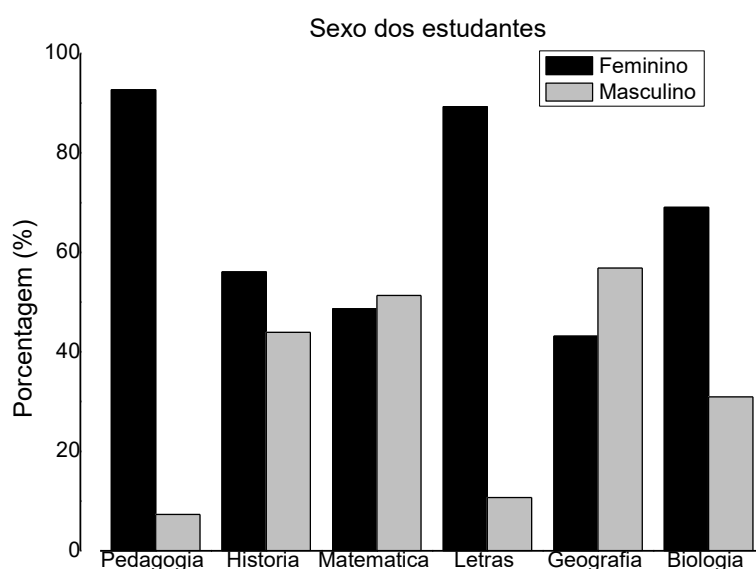
Tabela 3.3 – Distribuição percentual referente à idade dos homens no início do curso.

Idade (homem)	Faixa 1 (18-19)	Faixa 2 (20-24)	Faixa 3 (25-30)	Faixa 4 (31-49)
Pedagogia	0	3,66	1,22	2,44
História	2,44	19,51	7,32	14,63
Matemática	0	43,24	8,11	0
Letras	0	8,33	1,19	1,19
Geografia	2,11	35,79	15,79	3,16
Biologia	0	21,43	4,76	4,76

Fonte: A Autora, 2015.

No gráfico 3.4 e tabela 3.4, sobre o sexo dos estudantes, observamos que o curso de Pedagogia é o que possui um maior número de pessoas do sexo feminino, com 92,68%, e o menor em relação às pessoas do sexo masculino, 7,32%. Já o curso de Geografia é o que apresenta uma menor porcentagem de mulheres, com 43,16%, e a maior porcentagem de pessoas do sexo masculino, 56,84%. Esse dado reafirma o que diversas pesquisas do campo vêm mostrando (FERREIRA e CARVALHO, 2006; UNESCO, 2004): que o número de mulheres que procuram cursos de formação de professores, principalmente nos níveis da Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental, é maior do que o número de homens. O estudo de Rêses (2008) aponta que a feminização do magistério já é algo que vem sendo discutido há bastante tempo. Conforme o autor, nas “profissões historicamente destinadas ao ‘gênero’ feminino, a função de professor é a que mais envolve um direcionamento histórico” (RÊSES, 2008, p. 32).

Gráfico 3.4 – Percentual do sexo dos estudantes.



Fonte: A Autora, 2015.

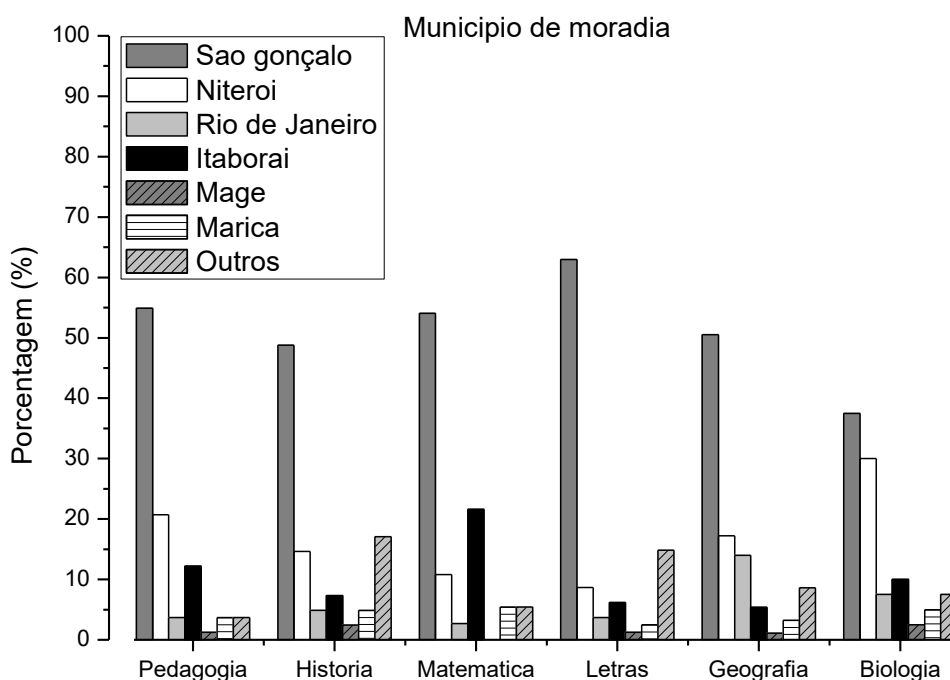
Tabela 3.4 – Distribuição percentual referente ao sexo dos estudantes.

Curso	Feminino	Masculino
Pedagogia	92,68	7,32
História	56,1	43,9
Matemática	48,65	51,35
Letras	89,29	10,71
Geografia	43,16	56,84
Biologia	69,05	30,95

Fonte: A Autora, 2015.

No gráfico 3.5 e tabela 3.5, referentes ao município de moradia, percebemos que a maior parte dos alunos da Faculdade mora no município de São Gonçalo, mas há uma quantidade significativa de alunos que moram nos municípios de Niterói, Rio de Janeiro, Itaboraí, Magé, Maricá. O curso de Letras apresenta um maior número de estudantes que moram em São Gonçalo, com 62,96%, e o de Biologia possui a menor porcentagem, com 37,5%. Em relação a Niterói, o curso de Biologia tem um maior número, com 30%, e o de Matemática, o menor, 10,81%. No município do Rio de Janeiro, o curso de Geografia tem a maior porcentagem, 13,98%, e o de História, a menor, 2,7%. Em Itaboraí, o maior número é do curso de Matemática, 21,62% e o menor, do curso de Geografia, 5,38%. Em relação a Magé, o curso de História tem a maior porcentagem, 2,44%, e o de Matemática não apresenta pessoas que morem neste município. Em Maricá, os alunos de Matemática têm um maior número, 5,41%, e os do curso de Letras, o menor, com 2,47%.

Gráfico 3.5 – Percentual referente ao município de moradia.



Fonte: A Autora, 2015.

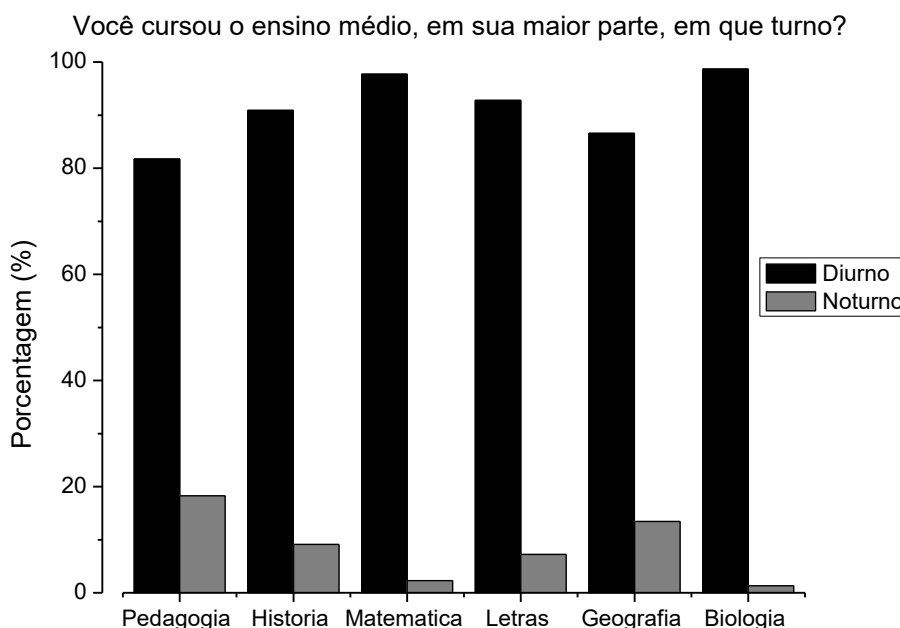
Tabela 3.5 – Distribuição percentual referente ao município de moradia.

Município de Moradia	São Gonçalo	Niterói	Rio de Janeiro	Itaboraí	Magé	Maricá	Outros
Pedagogia	54,88	20,73	3,66	12,2	1,22	3,66	3,66
História	48,78	14,63	4,88	7,32	2,44	4,88	17,07
Matemática	54,05	10,81	2,7	21,62	0	5,41	5,41
Letras	62,96	8,64	3,7	6,17	1,23	2,47	14,81
Geografia	50,54	17,2	13,98	5,38	1,08	3,23	8,6
Biologia	37,5	30	7,5	10	2,5	5	7,5

Fonte: A Autora, 2015.

No gráfico 3.6 e tabela 3.6, que tratam sobre o turno (diurno e noturno) em que os alunos cursaram quando estavam no Ensino Médio, observamos que o curso de Pedagogia apresentou o maior número de estudantes que cursaram o ensino médio durante o período noturno, contendo 18,27% dos alunos. E o curso de Biologia mostrou um maior índice de estudantes no período diurno, 98,70% dos alunos. Segundo os dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), em 2013 havia mais de 5,0 milhões de estudantes matriculados no ensino médio noturno – isso significa que um terço dos alunos estuda à noite. Devemos considerar, ainda, que há outros milhões de jovens por chegar ao ensino médio e outros tantos que estão fora da escola e não completaram esta etapa, muitos deles já envolvidos com o mundo do trabalho. O último Censo Escolar do Inep/MEC, de 2014, contabilizou aproximadamente 49.771.371 milhões de matrículas distribuídas em diferentes etapas e modalidades de ensino da educação básica. Desses, 8,3 milhões são do Ensino Médio. E em relação ao turno, estudam, no período noturno, 2.151.314 milhões de jovens, ou seja, 26% do total. A opção por esse horário mostra o interesse em conseguir uma atividade com renda para complementar os ganhos de suas famílias.

Gráfico 3.6 – Percentual do turno em que os alunos cursaram o Ensino Médio.



Fonte: A Autora, 2015.

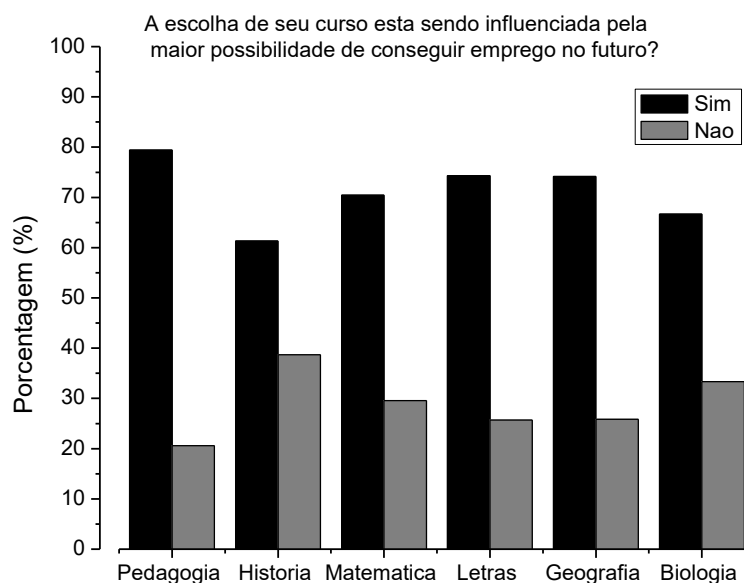
Tabela 3.6 – Distribuição percentual dos estudantes em relação ao turno em que cursaram o Ensino Médio.

Curso	Diurno	Noturno
Pedagogia	81,73	18,27
História	90,91	9,09
Matemática	97,73	2,27
Letras	92,76	7,24
Geografia	86,55	13,45
Biologia	98,70	1,30

Fonte: A Autora, 2015.

No gráfico 3.7 e tabela 3.7, aborda-se o objetivo da escolha do curso. Perguntando se a escolha foi feita levando em consideração a possibilidade de conseguir emprego no futuro, observamos que a maioria dos alunos de todos os cursos respondeu “sim”, mas foi o curso de Pedagogia que apresentou a maior porcentagem, com 79,41%. E o curso de História, o que apresentou um maior percentual de “não”, com 38,67%. Pode-se inferir que essa característica não seja tão relevante para os alunos de História quanto para o curso de Pedagogia, ainda que a possibilidade de conseguir emprego no futuro seja a resposta predominante em todos os cursos aqui estudados.

Gráfico 3.7 – Percentual da influência da escolha do curso, considerando a possibilidade de conseguir emprego no futuro.



Fonte: A Autora, 2015.

Tabela 3.7 – Distribuição percentual da influência da escolha do curso, considerando a possibilidade de conseguir emprego no futuro.

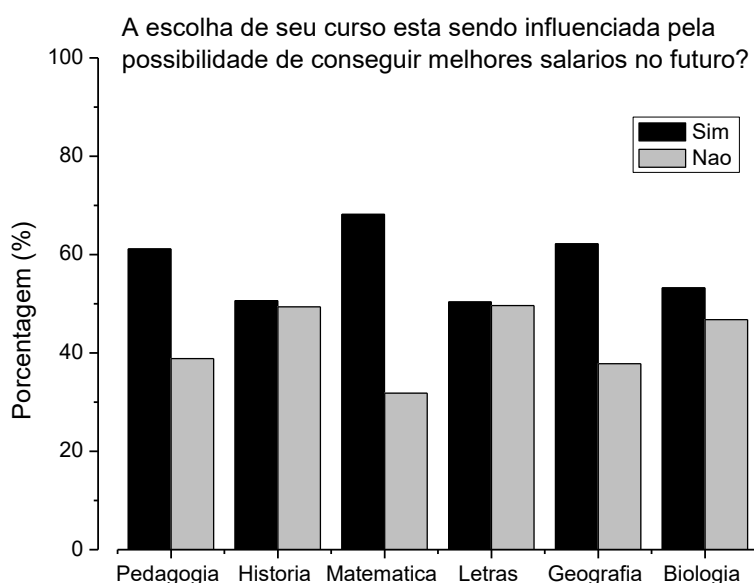
Curso	Sim	Não
Pedagogia	79,41	20,59
História	61,33	38,67
Matemática	70,45	29,55
Letras	74,32	25,68
Geografia	74,14	25,86
Biologia	66,67	33,33

Fonte: A Autora, 2015.

No gráfico 3.8 e tabela 3.8, que contêm a pergunta “A escolha de seu curso está sendo influenciada pela possibilidade de conseguir melhores salários no futuro?”, observamos que a maioria dos alunos do curso de Matemática respondeu que “sim”, 68,18%, chegando perto também o curso de Geografia, com 62,18%, e o de Pedagogia, com 61,17%. E os cursos de Letras (49,66%), História (49,35) e Biologia (46,75) apresentaram um maior percentual de “não”, sendo Letras o de maior porcentagem. Portanto, os alunos dos cursos de Letras, História e Biologia não

escolheram o curso com o objetivo de adquirir melhores salários no futuro. Fazendo uma comparação com a pergunta anterior, “escolha do curso foi feita levando em consideração a possibilidade de conseguir emprego no futuro”, vimos que, nessa categoria, o curso de Pedagogia apresentou a maior porcentagem. Já nesta sobre “melhores salários”, o de Matemática é o que possui o maior índice.

Gráfico 3.8 – Percentual da influência da escolha do curso, considerando a possibilidade de conseguir melhores salários no futuro.



Fonte: A Autora, 2015.

Tabela 3.8 – Distribuição percentual da influência da escolha do curso, considerando a possibilidade de conseguir melhores salários no futuro.

Curso	Sim	Não
Pedagogia	61,17	38,83
História	50,65	49,35
Matemática	68,18	31,82
Letras	50,34	49,66
Geografia	62,18	37,82
Biologia	53,25	46,75

Fonte: A Autora, 2015.

No gráfico 3.9 e tabela 3.9, referentes à moradia dos alunos, percebemos que a maioria destes, em todos os cursos, mora com pai e/ou mãe, sendo o curso de Matemática o que apresentou a maior porcentagem, com 90,91%. Por outro lado,

temos os alunos de Pedagogia, que apresentam um maior percentual, possuindo 26,21% de moradia com o cônjuge, e menor em relação à moradia com os pais, com 63,11%, entre os cursos. Portanto, podemos deduzir que os alunos de Pedagogia são alunos mais velhos, que começaram a Faculdade tardiamente, enquanto os de Matemática e Biologia são alunos mais novos, que começaram a faculdade mais cedo.

Gráfico 3.9 - Percentual sobre a moradia dos alunos.



Fonte: A Autora, 2015.

Tabela 3.9 – Distribuição percentual da moradia dos alunos.

Cursos	Amigos	Sozinho	Cônjuge	Parentes	Pai ou mãe
Pedagogia	1,94	3,88	26,21	4,85	63,11
História	0,00	2,60	12,99	7,79	76,62
Matemática	0,00	2,27	0,00	6,82	90,91
Letras	0,00	1,34	6,04	6,71	85,91
Geografia	0,00	1,68	9,24	9,24	79,83
Biologia	0,00	0,00	0,00	10,39	89,61

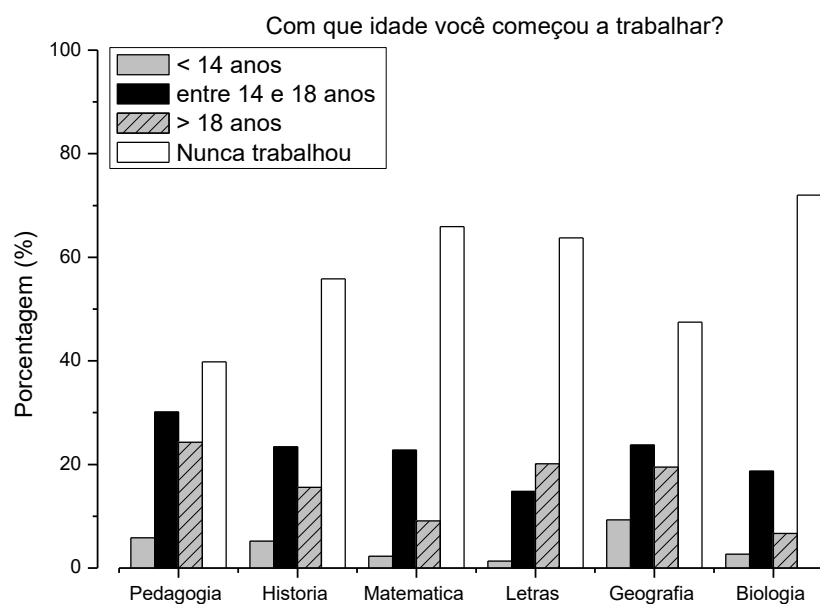
Fonte: A Autora, 2015.

No gráfico 3.10 e tabela 3.10, que tratam sobre a idade com que os alunos começaram a trabalhar, observamos que o curso de Biologia possui uma maior porcentagem de alunos que nunca trabalharam, com 72,00%. Já o curso de Geografia tem uma maior porcentagem de alunos que começaram a trabalhar entre 14 e 18 anos, com 23,73%. E em relação aos que começaram a trabalhar

antes de 14 anos de idade, vemos que o curso de Geografia possui maior porcentagem, com 9,32%. Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) de 2012, 18 milhões de pessoas entre 15 e 24 anos estão fora da escola e 1,8 milhão não cursam o ensino médio. Entre 18 e 24 anos, fase de ingressar em uma universidade, mais de 14,6 milhões não estudam; ou seja, 64,8% do total nesta faixa etária.

A falta da frequência na escola também reflete na busca por um trabalho. Segundo pesquisas realizadas pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), a taxa de desemprego entre os jovens de 18 a 24 anos, em 2013, foi de 17,21%. Somente 12% dos jovens entre 18 e 24 anos ingressam em uma faculdade. A taxa de ocupação das pessoas de 18 a 24 anos foi de 60,8%, em 2013, sendo que 46,0% dos jovens neste grupo somente trabalhavam, e 14,9% trabalhavam e estudavam. O percentual de jovens nesta faixa etária que somente estudavam foi de 15,1%. Já no grupo de 25 a 29 anos de idade, observou-se que apenas 10,9% estudavam, sendo que 7,8% conjugavam estudo com trabalho. Cerca de 2 em cada 3 pessoas neste grupo etário somente trabalhavam e a taxa de ocupação foi de 75,0%.

Gráfico 3.10 – Percentual da idade com que os alunos começaram a trabalhar.



Fonte: A Autora, 2015.

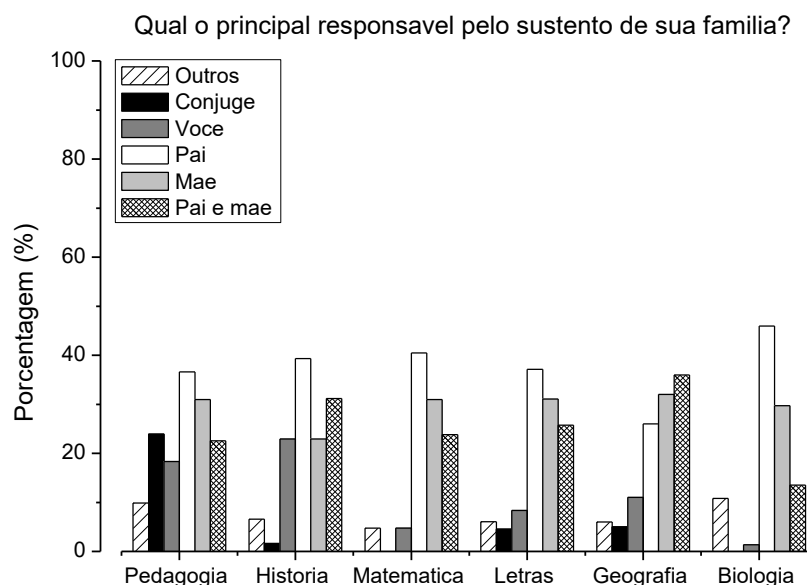
Tabela 3.10 – Distribuição percentual da idade com que os alunos começaram a trabalhar.

Cursos	Antes de 14 anos	Entre 14 e 18 anos	Após 18 anos	Nunca trabalhei
Pedagogia	5,83	30,10	24,27	39,81
História	5,19	23,38	15,58	55,84
Matemática	2,27	22,73	9,09	65,91
Letras	1,34	14,77	20,13	63,76
Geografia	9,32	23,73	19,49	47,46
Biologia	2,67	18,67	6,67	72,00

Fonte: A Autora, 2015.

No gráfico 3.11 e tabela 3.11, referentes ao principal responsável pelo sustento da família, reparamos que a maioria dos alunos do curso de Geografia é sustentada pelo pai e pela mãe, com 36,0%. E verificamos que os alunos do curso de Pedagogia possuem uma maior porcentagem na categoria “cônjuge”, com 23,94%. Sendo assim, de acordo com os dados, podemos dizer que os alunos de Pedagogia são pessoas mais velhas e casadas no conjunto estudado.

Gráfico 3.11 – Percentual do principal responsável pelo sustento da família.



Fonte: A Autora, 2015.

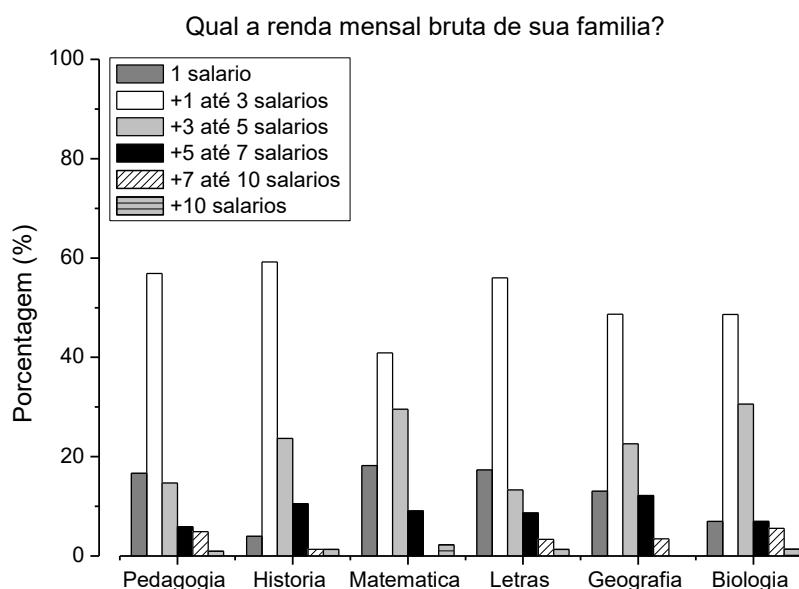
Tabela 3.11 – Distribuição percentual do principal responsável pelo sustento da família.

Cursos	Outros	Cônjuge	Você	Pai	Mãe	Pai e mãe
Pedagogia	9,86	23,94	18,31	36,62	30,99	22,54
História	6,56	1,64	22,95	39,34	22,95	31,15
Matemática	4,76	0,00	4,76	40,48	30,95	23,81
Letras	6,06	4,55	8,33	37,12	31,06	25,76
Geografia	6,00	5,00	11,00	26,00	32,00	36,00
Biologia	10,81	0,00	1,35	45,95	29,73	13,51

Fonte: A Autora, 2015.

No gráfico 3.12 e tabela 3.12, que abordam a renda mensal bruta da família, constatamos que o curso de História apresenta a maior porcentagem de alunos que possuem renda de 1 a 3 salários mínimos, com 59,21%. Já os alunos de Biologia possuem uma maior porcentagem na categoria de renda de 3 a 5 salários mínimos, 30,56%. E os do curso de Geografia possuem uma maior porcentagem na categoria de 5 a 7 salários mínimos, 12,17%. E, por fim, os alunos de Biologia detêm maior porcentagem de 7 a 10 salários, com 5,56%.

Gráfico 3.12 – Percentual da renda mensal bruta da família.



Fonte: A Autora, 2015.

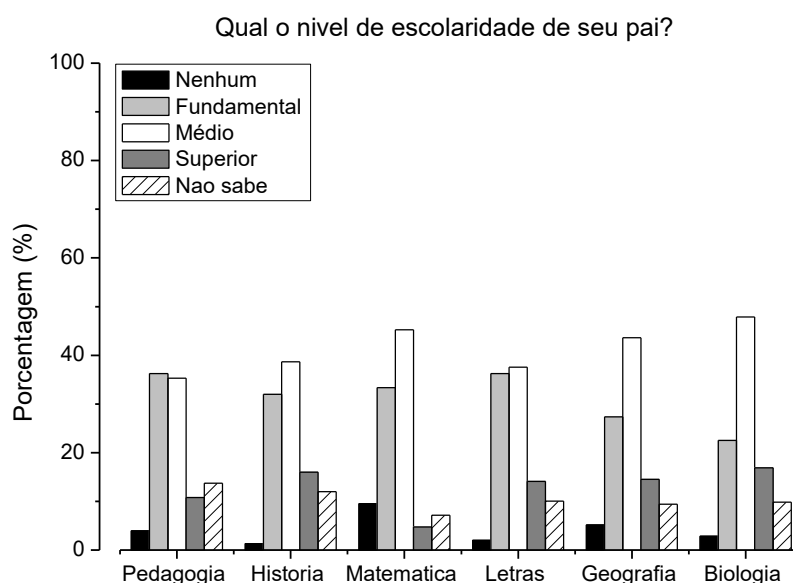
Tabela 3.12 – Distribuição percentual da renda mensal bruta da família.

Cursos	até 1	+ 1 até 3	+ 3 até 5	+ 5 até 7	+ 7 até 10	+ 10
Pedagogia	16,67	56,86	14,71	5,88	4,90	0,98
História	3,95	59,21	23,68	10,53	1,32	1,32
Matemática	18,18	40,91	29,55	9,09	0,00	2,27
Letras	17,33	56,00	13,33	8,67	3,33	1,33
Geografia	13,04	48,70	22,61	12,17	3,48	0,00
Biologia	6,94	48,61	30,56	6,94	5,56	1,39

Fonte: A Autora, 2015.

No gráfico 3.13 e tabela 3.13, referentes à escolaridade do pai, identificamos que todos os cursos possuem “pai” com Ensino Médio, mas o que apresenta maior porcentagem é o curso de Biologia, com 47,89%. O curso de Biologia é também o que possui maior porcentagem de “pai” com Ensino Superior, 16,90%. Em relação ao Ensino Fundamental, o curso de Pedagogia possui maior quantidade de alunos com “pai” nesta categoria, com 36,27%. Segundo Grignon & Gruel (1999, p. 183), “quanto mais importantes os recursos (econômicos e simbólicos) dos pais, mais os filhos terão chances de acesso ao ensino superior e em cursos mais seletivos, mais orientados para diplomas prestigiosos e empregos com melhor remuneração”. Ou seja, quanto maior o nível de escolaridade dos pais, maiores as chances de os filhos cursarem uma Faculdade.

Gráfico 3.13 – Percentual de escolaridade do pai.



Fonte: A Autora, 2015.

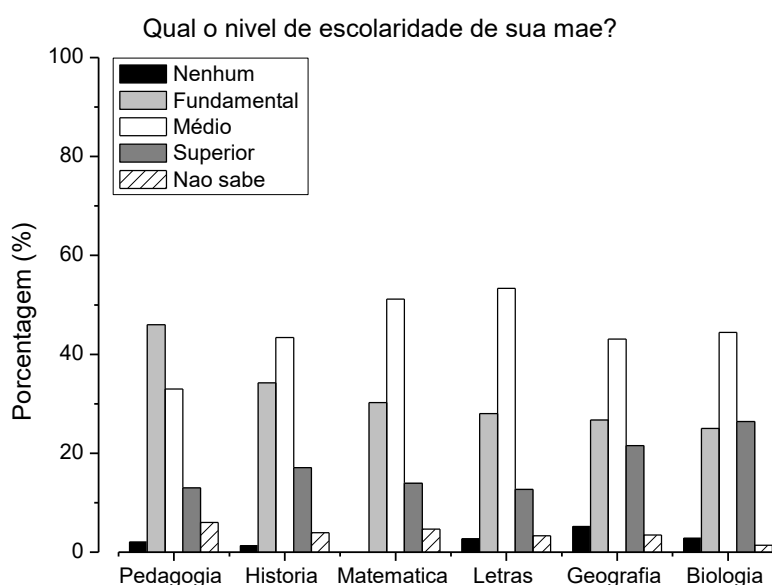
Tabela 3.13 – Distribuição percentual de escolaridade do pai.

Cursos	Nenhum	Ensino fundamental	Ensino médio	Ensino superior	Não sei
Pedagogia	3,92	36,27	35,29	10,78	13,73
História	1,33	32,00	38,67	16,00	12,00
Matemática	9,52	33,33	45,24	4,76	7,14
Letras	2,01	36,24	37,58	14,09	10,07
Geografia	5,13	27,35	43,59	14,53	9,40
Biologia	2,82	22,54	47,89	16,90	9,86

Fonte: A Autora, 2015.

Neste gráfico 3.14 e tabela 3.14, que fazem referência à escolaridade da mãe, vimos que a maioria dos cursos apresenta “mãe” com Ensino Médio Completo, sendo o de Letras o maior, com 53,33%. Em relação ao Ensino Superior, percebemos que a maior porcentagem é dos alunos de Biologia (26,39%). Já o curso de Pedagogia apresenta maior porcentagem de “mãe” com Ensino Fundamental Completo, com 46,00%, sendo bem menor o percentual daquelas com Ensino Médio Completo, 33,00%, e Ensino Superior, com 13,00%. Portanto, percebemos que o curso de Biologia possui uma maior porcentagem de “pais” e “mães” com Ensino Superior.

Gráfico 3.14 – Percentual de escolaridade da mãe.



Fonte: A Autora, 2015.

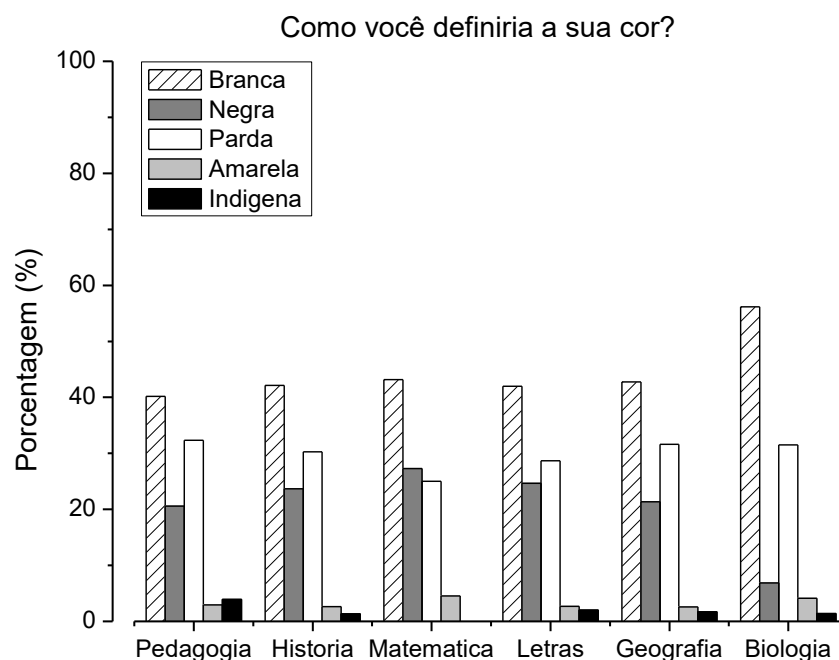
Tabela 3.14 - Distribuição percentual de escolaridade da mãe.

Cursos	Nenhum	Ensino fundamental	Ensino médio	Ensino superior	Não sei
Pedagogia	2,00	46,00	33,00	13,00	6,00
História	1,32	34,21	43,42	17,11	3,95
Matemática	0,00	30,23	51,16	13,95	4,65
Letras	2,67	28,00	53,33	12,67	3,33
Geografia	5,17	26,72	43,10	21,55	3,45
Biologia	2,78	25,00	44,44	26,39	1,39

Fonte: A Autora, 2015.

No gráfico 3.15 e tabela 3.15, sobre a cor, identificamos que o maior percentual de alunos que se autodeclararam “brancos” foram os de Biologia, com 56,16%, e os alunos do curso de Matemática foram os que mais se declararam “negros”, com 27,27%, sendo os de Pedagogia os que apresentam também a maior porcentagem de indígenas, com 3,92%.

Gráfico 3.15 – Percentual referente à cor.



Fonte: A Autora, 2015.

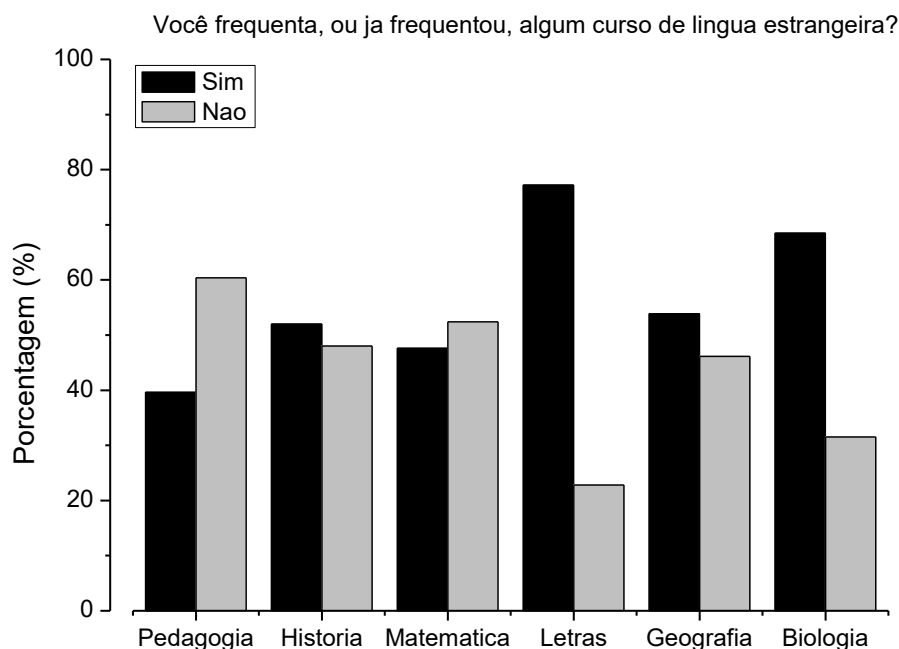
Tabela 3.15 – Distribuição percentual referente à cor.

Cursos	Branca	Negra	Parda	Amarela	Indígena
Pedagogia	40,20	20,59	32,35	2,94	3,92
História	42,11	23,68	30,26	2,63	1,32
Matemática	43,18	27,27	25,00	4,55	0,00
Letras	42,00	24,67	28,67	2,67	2,00
Geografia	42,74	21,37	31,62	2,56	1,71
Biologia	56,16	6,85	31,51	4,11	1,37

Fonte: A Autora, 2015.

No gráfico 3.16 e tabela 3.16, referentes a estar fazendo ou já ter feito algum curso de língua estrangeira, o curso de Letras apresenta a maior porcentagem de “sim”, 77,18%, seguido de perto pelo curso de Biologia. E em relação aos que não fizeram algum curso de língua estrangeira, o de Pedagogia apresenta a maior porcentagem, com 60,40%. Os demais cursos mantêm certo equilíbrio entre os que fizeram e os que não fizeram curso de língua estrangeira.

Gráfico 3.16 – Percentual de frequência a algum curso de língua estrangeira.



Fonte: A Autora, 2015.

Tabela 3.16 – Distribuição percentual de frequência a algum curso de língua estrangeira.

Curso	Sim	Não
Pedagogia	39,60	60,40
História	52,00	48,00
Matemática	47,62	52,38
Letras	77,18	22,82
Geografia	53,85	46,15
Biologia	68,49	31,51

Fonte: A Autora, 2015.

4 DISCUSSÃO

Com a análise desses dados, em relação aos alunos que ingressaram na Faculdade de Formação de Professores no ano de 2013, chegamos a um perfil desses estudantes.

Em relação ao curso de Pedagogia, observamos que são alunos mais velhos, na faixa etária de 31-49 anos, e a maioria dos alunos deste curso são do sexo feminino. A maioria cursou o Ensino Médio no período diurno, mas quando comparamos com os outros cursos, percebemos que expressava o maior número de estudantes que cursaram o período noturno no conjunto estudado. Reparamos, também, que os escolheram este curso pensando na maior possibilidade de conseguirem emprego no futuro, além da possibilidade de conseguirem melhores salários. O curso de Pedagogia também é o que apresenta uma maior porcentagem de alunos que começaram a trabalhar entre 14 e 18 anos. Sendo assim, esses dados são indicadores de que os estudantes de Pedagogia provavelmente são oriundos de famílias com uma condição financeira mais precária, pois o fato de começarem a trabalhar antes pode estar relacionado à necessidade de auxiliar no sustento da família, conseqüentemente, tendo que estudar no período noturno, uma vez que a maior oportunidade de emprego é durante o período diurno.

Visualizamos, também, que o maior índice dos estudantes que moram com o cônjuge e são sustentados por este ou por si mesmos está no curso de Pedagogia. Em relação à renda, ganham até três salários mínimos. E, quando falamos sobre a escolaridade dos pais, vimos que possuem uma maior porcentagem de “pais” e “mães” com Ensino Fundamental. Em relação à cor, apresentam a maior porcentagem de indígenas. Portanto, também podemos perceber que são estudantes que ingressaram na universidade com idade mais avançada, e escolheram o curso pensando na possibilidade de ganhar melhores salários; deduzimos, a partir disto, que a maioria deve ser professor do primeiro segmento do Ensino Fundamental, que está querendo se atualizar para manter-se no cargo e/ou melhorar na profissão, pois já tem uma maior experiência profissional e, com isso, uma maior clareza sobre o mercado de trabalho.

Já no curso de Geografia, vimos que os alunos o escolheram pensando na maior possibilidade de conseguirem emprego no futuro. Possuem uma renda de 1

até 3 salários mínimos. Em relação ao sustento da família, notamos que a maioria dos alunos é sustentada pelo “pai”. São alunos que estão na faixa dos 25-30 anos de idade. Sobre a escolaridade do pai, identificamos que a maioria possui “pai” com Ensino Médio completo.

No curso de História, podemos, a partir dos dados, supor que os estudantes são os que menos escolheram este curso pensando na maior possibilidade de conseguir emprego no futuro e com o objetivo de adquirirem melhores salários. Em relação à renda da família, observamos que o curso apresenta uma porcentagem de alunos que possuem renda de 1 a 3 salários mínimos. Apresenta, também, um grande número de alunos que começaram a trabalhar antes de 14 anos. Visualizamos que possuem “pai” e “mãe” com Ensino Fundamental e Médio. E, por último, em relação ao curso de língua estrangeira, possuem uma grande porcentagem de “não”.

No de Matemática, verificamos que a escolha do curso foi influenciada pela possibilidade de conseguir melhores salários no futuro. Observamos que a maioria dos estudantes mora com os pais, não contendo pessoas que moram com cônjuge. E possuem uma renda predominante de 1 a 3 salários mínimos. Em relação à escolaridade do pai e da mãe, identificamos que a maioria dos alunos possui “pais” com Ensino Médio completo. E, por fim, possuem uma maior porcentagem de indígenas.

No curso de Biologia, a maior parte dos alunos cursou o Ensino Médio no período diurno e visualizamos que uma parcela considerável não escolheu o curso pela possibilidade de conseguir melhores salários no futuro. Apresenta um maior percentual de jovens que moram com os pais, e não contém pessoas que moram com cônjuge, amigos ou sozinho. Já em relação ao sustento da família, reparamos que a maioria é sustentada pelo pai ou pela mãe, já que a maior parte dos alunos nunca trabalhou. Em relação à renda da família, são os que têm uma renda de 3 a 5 salários mínimos em maior proporção em relação ao conjunto; são os que também detêm maior porcentagem de 7 a 10 salários, em comparação com os outros cursos. Em relação à escolaridade do “pai”, identificamos que a maioria dos alunos possui pais com Ensino Médio completo e são os alunos de Biologia também que apresentam uma maior porcentagem de pais e mães com Ensino Superior em comparação a outros cursos. Em relação à cor, é o curso que tem o maior

percentual de estudantes que se autodeclararam “brancos”. E muitos alunos (quase 70%) fizeram algum curso de língua estrangeira.

E, por fim, sobre o curso de Letras, percebemos que apresenta maior porcentagem de alunos que não escolheram o curso visando à possibilidade de conseguir melhores salários no futuro. Em relação à escolaridade da mãe, vimos que apresenta também a maior porcentagem de “mães” com Ensino Médio Completo. E, por último, em relação a estar fazendo ou já ter feito algum curso de língua estrangeira, o de Letras apresenta a maior porcentagem de “sim”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após analisarmos o perfil dos jovens universitários da Faculdade de Formação de Professores da UERJ, percebemos que há similaridades e diferenças entre os cursos. Reparamos, também, que dois deles, sendo estes os de Pedagogia e Biologia, são extremos em relação ao conjunto dos cursos.

Constatamos que os alunos dos cursos de Pedagogia e História os escolheram pensando na maior possibilidade de conseguirem emprego e melhores salários no futuro, sendo também os que começaram a trabalhar entre 14 e 18 anos, apresentando uma renda de 1 a 3 salários mínimos.

Em relação aos alunos de Biologia, vimos que não escolheram o curso pela possibilidade de conseguir melhores salários no futuro. Apresenta um maior percentual de jovens que moram com os pais; não contém pessoas que moram com cônjuge, amigos ou sozinho, e são os que possuem uma renda de 3 a 5 salários.

Verificou-se que o curso de Pedagogia apresenta o maior percentual de alunos com faixa de idade mais avançada no ingresso na Faculdade; são estudantes que moram com cônjuge e são sustentados por ele, ou por si mesmos. Sendo alunos que começaram a trabalhar cedo, provavelmente são oriundos de famílias com uma condição financeira mais precária, pois o fato de começarem a trabalhar antes pode estar relacionado à necessidade de auxiliar no sustento da família.

Já os alunos do curso de Biologia ingressaram na Faculdade mais cedo; muitos nunca trabalharam; moram com os pais e são sustentados por eles; ou seja, são os que possuem uma condição financeira melhor e que podem se dedicar somente ao estudo, não precisando trabalhar.

Portanto, com a análise do perfil dos jovens da Faculdade de Formação de Professores, podemos perceber que, assim como o município de São Gonçalo possui uma desigual relação entre os seus distritos, a FFP também apresenta uma desigual relação entre os alunos dos seus cursos. Alguns cursos apresentam alunos mais velhos, outros mais novos; alguns que já trabalham e outros não; e alunos que possuem uma condição financeira melhor do que outros. A diferença entre os distritos de São Gonçalo se reflete na Faculdade.

Os impactos da expansão da educação superior podem ser observados a partir das características de escolaridade entre as gerações mais recentes no Brasil.

Apesar de expressivos avanços entre gerações, considerando diferentes dimensões (renda, cor ou raça, sexo e região geográfica), fica claro que as políticas de inclusão em curso precisam ser mantidas e ampliadas para garantir igualdade de oportunidades educacionais para todos os brasileiros (INEP, 2013).

Sendo assim, buscamos aprofundar o nosso conhecimento e entendimento sobre o estudante de uma Universidade no qual o foco é a formação de professores, e também, como tem ocorrido, a transição para vida adulta. É válida como consequência para futuros trabalhos a aplicação de questionário para detectar possíveis nuances entre os cursos que não foram percebidas pela análise do perfil, permitindo fazer uma reflexão sobre qual e como é o papel do curso superior na vida dos jovens. Estudar essa população para entender as transformações nas demandas e nas práticas escolares, assim como no perfil dos estudantes na sociedade contemporânea, representa uma necessidade para a pesquisa e as políticas educacionais em todos os níveis de ensino.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Everardo Paiva de. **Um trem rumo às estrelas: A oficina de Formação docente para o Ensino de História**. 2006. 282 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.
- ANDRADE, E. P. de; AYRES, A. C. M. ; SELLES, S. E. Não só do seu préstimo, mas dos seus costumes: provisão e formação de professores no Brasil. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUDESTE. , 5., 2004. **Política, Conhecimento e Cidadania**. Rio de Janeiro: ANPEd/FCPGERS, 2004.
- ANDRÉ, M.E.D.A. **Estudo de Caso em Pesquisa e Avaliação Educacional**. Brasília: Liber Livro, 2005.
- AQUINO, Luseni Maria C. de; CASTRO, Jorge Abrahão de; ANDRADE, Carla Coelho de. **Juventude e Políticas Sociais no Brasil**. Brasília: Ipea, 2009.
- AYRES, Ana Cléa B. M. **Tensão entre matrizes: um estudo a partir do Curso de Ciências Biológicas da Faculdade de Formação de Professores/UERJ**. 2005. 183 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.
- AZEVEDO, Fernando de [1932]. A reconstrução educacional do Brasil. Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. In: GONDRA, José G.; MAGALDI, Ana Maria (Orgs.). **A reorganização do campo educacional no Brasil: manifestações, manifestos, manifestantes**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003. p. 113-146.
- BOUDON, R.. **A Desigualdade das Oportunidades: a mobilidade social nas sociedades industriais**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- _____. **Escritos de educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- CAMPOS, Francisco [1931]. Exposição de Motivos do Ministro Francisco Campos sobre a Reforma do Ensino Superior. In: FÁVERO, Maria de Lourdes. **Universidade do Brasil: guia dos dispositivos legais**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/INEP, 2000b. p. 21-50.
- CANDAU, Vera. **Novos rumos da Licenciatura**. Brasília: INEP, 1987.

CARRANO, Paulo C. R. **Juventudes e cidades educadoras**. Petrópolis: Vozes: 2003.

_____. **Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006)**. Jovens Universitários: acesso, formação, experiências e inserção profissional. Volume 1/ Marília Pontes Sposito, coordenação. Belo Horizonte, MG : Argvmentvm, 2009. p. 179 – 228.

_____. Jovens, territórios e práticas educativas. Jovens, Escolas e Cidades: Desafios à autonomia e à convivência. **Revista Teias**, Rio de Janeiro. v.12, n.26, p. 07-22, set./dez, 2011.

CASAL, Joaquim; MASJOAN, Josep M^a; PLANAS, Jordi. Elementos para un análisis sociológico de la transición a la vida adulta. **Revista: Política y sociedad**, Madrid, n 1, 1988. p. 97-105. (Ejemplar dedicado a: Juventud, educación, crisis)

CORAZZA, Sandra Mara. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007. p. 103-127.

CUNHA, L. A. Polivalentes ou Polichinelos?. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 29, n 4, abril, p.420 – 428, 1977^a.

DAMATTA. R. O ofício do etnólogo, ou como ter "Antropological Blues". In: NUNES. E. de O. (Org) **A Aventura Sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar. 1978, p. 1 – 12.

ÉBOLI, Norma. Entrevista concedida a Haydée da Graça de Figueirêdo. Niterói, 20 out. 2001. In: NUNES, Clarice (Org.). **Das políticas públicas à memória e à história da formação docente no estado do Rio de Janeiro**. Niterói: UFF, jul./2003. Mimeo. Volume 2 (Entrevistas). p. 264-268.

ESTEBAN, Maria Teresa. Sujeitos singulares e tramas complexas – desafios cotidianos ao estudo e à pesquisa. In: GARCIA, Regina Leite (Org.). **Método, Métodos, Contramétodos**. São Paulo: Cortez, 2003.

FEIXA, Carles. **De Jóvenes, Bandas y Tribus: Antropología de La Juventud**. Barcelona: Editorial Ariel, S. A. 1999.

FERNANDES, Rui Aniceto Nascimento. “Estudos Fluminenses”: a Faculdade Fluminense de Filosofia e a identidade regional. In: NEVES, Lúcia Maria B. P. et al. **Estudos de Historiografia Brasileira**. Rio de Janeiro: FGV, 2011. p. 207-220.

FERNANDEZ, Aline da Fonseca. **Efeitos do território sobre processos de transição para a vida adulta**: estudo de caso do Município de São Gonçalo. 2012. 139 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2012.

_____, Aline. **Desigualdades sociais e espaciais na distribuição de equipamentos escolares no município de São Gonçalo na primeira década do século XXI**. 61f. Monografia (Licenciatura em Geografia) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores, São Gonçalo, 2009.

FERREIRA, Eunice Freitas. **Licenciatura de Curta Duração**: solução emergencial ou definitiva? 1982. 90 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1982.

FERREIRA, José Luiz; CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. Gênero, masculinidade e magistério: horizontes de pesquisa. **Olhar de Professor**, Ponta Grossa, v.9, n.1, p.143-157, 2006.

FIGUEIRÊDO, Haydée. Da (IN)Visibilidade da Faculdade de Formação de Professores/Uerj/SG. In: NUNES, Clarice (Org.). **Docência e pesquisa em educação na visão de Haydée Figueirêdo**. Rio de Janeiro: Litteris Ed., 2010, p. 150 – 160.

FOUCAULT. Michel, **História da sexualidade 2 – o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro, Graal, 1984.

FORACCHI; Marialice M.; **A juventude na sociedade moderna**. São Paulo, Livraria Pioneira. 1972.

GARCÍA; Maribel. Una perspectiva de la transición de la escuela al trabajo . **Trayectorias**, revista de ciencias sociales de la Universidad Autónoma de Nuevo León México, Año VIII, Nº22 , 2006, p.9-20.

GATTI, Bernadetti. Licenciaturas: crise sem mudança? In: DALBEN, Ângela (Org.). **Coleção Didática e Prática de Ensino**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 485-508.

GRIGNON, Claude; GRUEL, Louis. **La vie étudiante**. Paris: Presses Universitaires de France, 1999.

IBGE, 2000. **Censo Demográfico**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 19 mar. 2015.

IBGE 2013. **Censo Demográfico**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 19 mar. 2015.

INEP, 2014. **Censo escolar**. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br/>>. Acesso em: 20 mar. 2015.

KOWARICK, Lucio. **A espoliação urbana**. São Paulo: Paz e Terra, 1983.

LAGO, Luciana Corrêa do. A “periferia” metropolitana como lugar do trabalho: da cidade-dormitório à cidade plena. **Cadernos IPPUR**, Rio de Janeiro, Ano XXI, n. 2, p. 9-28, 2007.

MANHEIM, Karl. O problema da juventude na sociedade moderna. In: BRITO, Sulamita de. **Sociologia da Juventude I**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968, p.30 – 45.

MARGULIS, M.; URRESTI, M. **Juventud es más que una palabra**: ensaios sobre cultura e juventude. Buenos Aires: Biblos, 1996.

_____. La construcción social de la condición de juventud. In: MARGULIS, Mario, et al. **"Viviendo a toda"**: jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades. Editor: María Cristina Laverde et al. Bogotá; D.C.: Siglo Del Hombre Editores; Departamento de Investigaciones Universidad Central, 1998. p. 3 - 30.

MIGLIORANZA, Eliana. **Condomínios Fechados**: localizações de pendularidade: um estudo de caso no município de Valinhos, SP. 2005. 113 p. Dissertação (Mestrado em Demografia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2005.

MINAYO, M.C.S.; SANCHES, O. Quantitative and Qualitative Methods: Opposition or Complementary? **Cad. Saúde Públ.**, Rio de Janeiro, v.3 , p. 239-262, jul/sep, 1993.

NASCIMENTO, Thiago Rodrigues. **Licenciatura curta em Estudos Sociais no Brasil**: sua trajetória na Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo/RJ (1973-1987). 2012. 232f. Dissertação (Programa de Pós-graduação em História Social) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2012. (Área de concentração: História Social do Território)

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: _____. **O Trabalho do Antropólogo**. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: UNESP, 2006, p.17-35.

PAIS, J. M. **Ganchos, tachos e biscates**: jovens, trabalho e futuro. Porto: AMBAR, 2003.

PEDRAZZA, Gabriela das Dores. **A produção do conhecimento através da Monografia**. 2011. Monografia (Graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia) Faculdade de Formação de Professores – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

PELBART, P.P. Poder sobre a vida, potências da vida. In: PELBART, P.P. **Vida Capital: Ensaio de biopolítica**, São Paulo: Iluminuras LTDA, 2003. p. 19-27.

PEREGRINO, Mônica. **Condições de escolarização pública de jovens em periferias urbanas**. Projeto de pesquisa. Rio de Janeiro: UERJ, 2007.

_____. **Percursos, trajetórias, modos de crescer: trabalho e escola na transição para a vida adulta** – Projeto de pós-doutorado, 2009.

_____, **Juventude e trabalho em tempos de expansão da escola**. Relatório de finalização de pós-doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

_____. Relatório de atividades Pibic, 2011.

_____. A Fecundidade da Noção de Moratória (Vital/Social) para a análise das Relações Entre Juventude e Educação no contexto de massificação dos processos educativos. **Gt: Movimentos Sociais e Educação** / N.03, 2004.

PIMENTA, Melissa de Mattos. **Jovens em transição** – Um Estudo Sobre a Transição Para a Vida Adulta Entre Estudantes Universitários em São Paulo. São Paulo, 2001.

_____. **“Ser Jovem” e “Ser adulto”**: identidades, representações e trajetórias. 2007. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, SP.

POCHMANN, M. (2004) Juventude em busca de novos caminhos no Brasil. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (Orgs.). **Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo e Instituto Cidadania, p.217-241.

REGUILLO, Rossana. Las culturas juveniles: um campo de estudio. Breve agenda para la discusión. **Revista Brasileira de Educação**, Belo Horizonte, n. 23, p. 103-117, maio/ago. 2003.

RÊSES, Erlando da Silva. **De vocação para profissão: organização sindical docente e identidade social do professor.** 2008. 308 f. Tese (Doutorado) - Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília.

RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz; LAGO, Luciana Corrêa. Crise e mudança nas metrópoles brasileiras: a periferização em questão. In: LEAL, Maria do Carmo et al. (Org.). **Saúde, ambiente e desenvolvimento.** São Paulo: Hucitec, 1992. V. 1, p. 153-179.

SANTOS, Beatriz Boclin Marques dos. **A História e os Estudos Sociais: o Colégio Pedro II e a reforma educacional da década de 1970.** São Paulo: ANPUH/SP, 2011b.

SILVA, Cátia Antônia da; TAVARES, Maria Teresa Goudard. **Catálogo-observatório acadêmico institucional da FFP.** Rio de Janeiro. UERJ/FFP, 2010. p. 5.

SPOSITO, Marília Pontes. **Os jovens no Brasil: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas.** São Paulo: Ação Educativa, 2003.

_____. A pesquisa sobre Jovens na Pós-Graduação: um balanço da produção discente em Educação, Serviço Social e Ciências Sociais (1999-2006) In: SPOSITO, Marília Pontes (Coord.). **Estado da Arte** sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006), vol 1. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2009.

SUCUPIRA, Newton. Sobre o exame de suficiência e formação do professor polivalente para o ciclo ginásial. **Documenta**, Rio de Janeiro, n. 31, p. 107-111, 1964.

UNESCO. **O perfil dos professores brasileiros: o que fazem, o que pensam, o que almejam.** São Paulo: Moderna, 2004.

VELHO, G. Observando o Familiar. In: NUNES, E. de O. (Org). **A Aventura Sociológica.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

WACHOWICZ, Lilian Anna. **A interdisciplinaridade na Universidade.** Curitiba: Champagnat, 1998.

YIN, R.K. **Case study research: design and methods.** Newbury Park, CA: Sage Publications, 1989. p.23.

_____. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** Tradução: Daniel Grassi. 2. ed. Porto Alegre: Brookman, 2001, p. 32-33.

ANEXO - Distribuição percentual de respostas dos alunos efetivamente matriculados. Questionário de informações socioculturais, obtidas junto ao Departamento de Seleção Acadêmica (DSEA – UERJ), referente ao vestibular 2013 da FFP.

1-Você cursou o ensino médio, em sua maior parte, em que turno?	CURSOS					
	Biologia	História	Geografia	Letras	Matemática	Pedagogia
diurno	98,70	90,91	86,55	92,76	97,73	81,73
noturno	1,30	9,09	13,45	7,24	2,27	18,27
total válido	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
5-A escolha de seu curso está sendo influenciada pela maior possibilidade de conseguir emprego no futuro?	CURSOS					
	Biologia	História	Geografia	Letras	Matemática	Pedagogia
não	33,33	38,67	25,86	25,68	29,55	20,59
sim	66,67	61,33	74,14	74,32	70,45	79,41
total válido	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
6-A escolha de seu curso está sendo influenciada pela possibilidade de conseguir melhores salários no futuro?	CURSOS					
	Biologia	História	Geografia	Letras	Matemática	Pedagogia
não	46,75	49,35	37,82	49,66	31,82	38,83
sim	53,25	50,65	62,18	50,34	68,18	61,17
total válido	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
7-Com quem você mora?	CURSOS					
	Biologia	História	Geografia	Letras	Matemática	Pedagogia
pais, pai ou mãe	89,61	76,62	79,83	85,91	90,91	63,11
parentes	10,39	7,79	9,24	6,71	6,82	4,85
cônjuge	0,00	12,99	9,24	6,04	0,00	26,21
amigos	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1,94
sozinho	0,00	2,60	1,68	1,34	2,27	3,88
total válido	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
11-Com que idade você começou a trabalhar?	CURSOS					
	Biologia	História	Geografia	Letras	Matemática	Pedagogia
antes de 14 anos	2,67	5,19	9,32	1,34	2,27	5,83

entre 14 e 18 anos	18,67	23,38	23,73	14,77	22,73	30,10
após 18 anos	6,67	15,58	19,49	20,13	9,09	24,27
nunca trabalhei	72,00	55,84	47,46	63,76	65,91	39,81
total válido	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
12-Qual a sua principal fonte de renda?	CURSOS					
	Biologia	História	Geografia	Letras	Matemática	Pedagogia
emprego regular	8,00	18,42	25,64	18,92	15,91	27,45
trabalho autônomo	6,67	3,95	5,13	6,08	6,82	14,71
trabalho informal	2,67	9,21	6,84	2,03	4,55	1,96
pensão / aposentadoria	5,33	6,58	1,71	4,05	2,27	3,92
mesada	10,67	7,89	8,55	4,05	9,09	2,94
não tenho renda pessoal	66,67	53,95	52,14	64,86	61,36	49,02
total válido	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
13-Qual o principal responsável pelo sustento de sua família?	CURSOS					
	Biologia	História	Geografia	Letras	Matemática	Pedagogia
seu pai	45,33	31,58	22,41	32,89	38,64	25,74
sua mãe	29,33	18,42	27,59	27,52	29,55	21,78
seu pai e sua mãe	13,33	25,00	31,03	22,82	22,73	15,84
you	1,33	18,42	9,48	7,38	4,55	12,87
seu cônjuge	0,00	1,32	4,31	4,03	0,00	16,83
outros	10,67	5,26	5,17	5,37	4,55	6,93
total válido	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
14-Qual a renda mensal bruta de sua família (salários mínimos)?	CURSOS					
	Biologia	História	Geografia	Letras	Matemática	Pedagogia
até 1	6,94	3,95	13,04	17,33	18,18	16,67
1 até 3	48,61	59,21	48,70	56,00	40,91	56,86
3 até 5	30,56	23,68	22,61	13,33	29,55	14,71
5 até 7	6,94	10,53	12,17	8,67	9,09	5,88
7 até 10	5,56	1,32	3,48	3,33	0,00	4,90
10 até 20	1,39	1,32	0,00	1,33	2,27	0,98
mais de 20	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
total válido	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
15-Quantas pessoas de sua família vivem da renda mensal indicada?	CURSOS					
	Biologia	História	Geografia	Letras	Matemática	Pedagogia
uma	5,48	6,67	6,84	9,33	9,09	2,94
duas	12,33	18,67	19,66	16,00	9,09	16,67
três	23,29	20,00	26,50	32,67	20,45	32,35
quatro	46,58	34,67	29,06	28,67	38,64	30,39

cinco	9,59	14,67	12,82	9,33	15,91	9,80
seis	1,37	4,00	2,56	3,33	4,55	7,84
mais de seis	1,37	1,33	2,56	0,67	2,27	0,00
total válido	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
16-Qual o nível de escolaridade de seu pai?	CURSOS					
	Biologia	História	Geografia	Letras	Matemática	Pedagogia
nenhum	2,82	1,33	5,13	2,01	9,52	3,92
ensino fundamental	22,54	32,00	27,35	36,24	33,33	36,27
ensino médio	47,89	38,67	43,59	37,58	45,24	35,29
ensino superior	16,90	16,00	14,53	14,09	4,76	10,78
não sei	9,86	12,00	9,40	10,07	7,14	13,73
total válido	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
17-Qual o nível de escolaridade de sua mãe?	CURSOS					
	Biologia	História	Geografia	Letras	Matemática	Pedagogia
nenhum	2,78	1,32	5,17	2,67	0,00	2,00
ensino fundamental	25,00	34,21	26,72	28,00	30,23	46,00
ensino médio	44,44	43,42	43,10	53,33	51,16	33,00
ensino superior	26,39	17,11	21,55	12,67	13,95	13,00
não sei	1,39	3,95	3,45	3,33	4,65	6,00
total válido	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
18-Qual a principal ocupação de seu pai?	CURSOS					
	Biologia	História	Geografia	Letras	Matemática	Pedagogia
profissional liberal / empresário	8,22	2,63	5,13	2,04	6,82	0,99
servidor público / militar	15,07	22,37	11,11	12,24	13,64	15,84
empregado no setor privado	23,29	30,26	34,19	31,97	29,55	26,73
empregado rural / agricultor	0,00	3,95	0,00	0,68	2,27	1,98
autônomo / prestador de serviços	19,18	19,74	24,79	25,85	27,27	22,77
não trabalha / desempregado	5,48	1,32	2,56	4,76	2,27	3,96
outra	13,70	9,21	11,97	8,84	2,27	14,85
não sei	15,07	10,53	10,26	13,61	15,91	12,87
total válido	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
19-Qual a principal ocupação de sua mãe?	CURSOS					
	Biologia	História	Geografia	Letras	Matemática	Pedagogia
profissional liberal /	5,48	0,00	1,71	0,00	0,00	0,00

empresária						
servidora pública/ militar	13,70	13,33	11,11	12,24	15,91	15,84
empregada no setor privado	16,44	22,67	23,08	23,13	22,73	19,80
empregada rural / agricultora	0,00	2,67	0,85	1,36	0,00	0,99
autônoma / prestadora de serviços	13,70	16,00	23,93	17,69	25,00	16,83
não trabalha / desempregada	38,36	30,67	24,79	29,25	25,00	28,71
outra	9,59	12,00	10,26	14,29	11,36	13,86
não sei	2,74	2,67	4,27	2,04	0,00	3,96
total válido	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
20-Como você definiria a sua cor?	CURSOS					
	Biologia	História	Geografia	Letras	Matemática	Pedagogia
branca	56,16	42,11	42,74	42,00	43,18	40,20
negra	6,85	23,68	21,37	24,67	27,27	20,59
parda	31,51	30,26	31,62	28,67	25,00	32,35
amarela	4,11	2,63	2,56	2,67	4,55	2,94
indígena	1,37	1,32	1,71	2,00	0,00	3,92
total válido	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
21-Você tem alguma religião?	CURSOS					
	Biologia	História	Geografia	Letras	Matemática	Pedagogia
não	24,66	18,42	22,03	17,01	18,18	19,80
Católica Apostólica Romana	39,73	32,89	31,36	35,37	34,09	35,64
Evangélica	31,51	34,21	33,90	40,14	43,18	36,63
Espírita	2,74	7,89	7,63	4,76	4,55	5,94
outra	1,37	6,58	5,08	2,72	0,00	1,98
total válido	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
22-Você tem computador em casa?	CURSOS					
	Biologia	História	Geografia	Letras	Matemática	Pedagogia
não	9,86	9,33	11,02	11,49	18,18	11,88
sim	90,14	90,67	88,98	88,51	81,82	88,12
total válido	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
26-Você frequenta, ou já frequentou, algum curso de língua estrangeira?	CURSOS					
	Biologia	História	Geografia	Letras	Matemática	Pedagogia
não	31,51	48,00	46,15	22,82	52,38	60,40
sim	68,49	52,00	53,85	77,18	47,62	39,60

total válido	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
--------------	--------	--------	--------	--------	--------	--------

27-Sexo	CURSOS					
	Biologia	História	Geografia	Letras	Matemática	Pedagogia
Feminino	69,05	56,10	43,16	89,29	48,65	92,68
Masculino	30,95	43,90	56,84	10,71	51,35	7,32
Total válido	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

28-Faixa de Idade (Todos)	CURSOS					
	Biologia	História	Geografia	Letras	Matemática	Pedagogia
FAIXA 1 (18-19)	7,14	4,88	4,21	7,14	2,70	0,00
FAIXA 2 (20-24)	78,57	68,29	61,05	69,05	86,49	56,10
FAIXA 3 (25-30)	9,52	12,20	26,32	10,71	8,11	10,98
FAIXA 4 (31-49)	4,76	14,63	8,42	13,10	2,70	32,93
Total válido	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

29-Faixa de Idade (Mulher)	CURSOS					
	Biologia	História	Geografia	Letras	Matemática	Pedagogia
FAIXA 1 (18-19)	7,14	2,44	2,11	7,14	2,70	0,00
FAIXA 2 (20-24)	57,14	48,78	25,26	60,71	43,24	52,44
FAIXA 3 (25-30)	4,76	4,88	10,53	9,52	0,00	9,76
FAIXA 4 (31-49)	0,00	0,00	5,26	11,90	2,70	30,49
Total válido	69,05	56,10	43,16	89,29	48,65	92,68

30-Faixa de Idade (Homem)	CURSOS					
	Biologia	História	Geografia	Letras	Matemática	Pedagogia
FAIXA 1 (18-19)	0,00	2,44	2,11	0,00	0,00	0,00
FAIXA 2 (20-24)	21,43	19,51	35,79	8,33	43,24	3,66
FAIXA 3 (25-30)	4,76	7,32	15,79	1,19	8,11	1,22
FAIXA 4 (31-49)	4,76	14,63	3,16	1,19	0,00	2,44
Total válido	30,95	43,90	56,84	10,71	51,35	7,32

